



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

VALQUÍRIA PIRES GARCIA

**AS CONTRIBUIÇÕES DE PIERRE GEORGE PARA A
GEOGRAFIA MODERNA**

Londrina
2015

VALQUÍRIA PIRES GARCIA

**AS CONTRIBUIÇÕES DE PIERRE GEORGE PARA A
GEOGRAFIA MODERNA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Geociências da Universidade Estadual de Londrina, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientadora: Profa. Dra. Rosana Figueiredo Salvi.

Londrina
2015

**Catálogo elaborado pela Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central da
Universidade Estadual de Londrina**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

G216c Garcia, Valquíria Pires.
As contribuições de Pierre George para a geografia moderna / Valquíria Pires
Garcia. – Londrina, 2015.
81 f. : il.

Orientador: Rosana Figueiredo Salvi.
Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual de Londrina,
Centro de Ciências Exatas, Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2015.
Inclui bibliografia.

1. George, Pierre, 1909-2006 – Crítica e interpretação – Teses. 2. Geografia –
Filosofia – Teses. 3. Geografia – História – Teses. 4. Ciência e geografia – Teses.
I. Salvi, Rosana Figueiredo. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de
Ciências Exatas. Programa de Pós-Graduação em Geografia. III. Título.

CDU 910.1

VALQUÍRIA PIRES GARCIA

**AS CONTRIBUIÇÕES DE PIERRE GEORGE PARA A GEOGRAFIA
MODERNA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Geociências da Universidade Estadual de Londrina, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Geografia.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Profa. Dra. Rosana Figueiredo
Salvi
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Profa. Dra. Alice Yatiyo Asari
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Profa. Dra. Irinéa de Lourdes Batista
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Londrina, 19 de junho de 2015.

Dedico este trabalho aos meus pais, que, mesmo estando presentes em outro plano espiritual, sei que estiveram comigo, sempre me apoiando e me sustentando em todas as dificuldades que encontrei ao longo do caminho. Sei também que compartilham esta conquista junto comigo.

Não te rebeles ante as conjunturas da morte, que te separou, momentaneamente, do ser a quem amas.

Não será definitiva tal circunstância.

Tem paciência e espera, preparando-te para o reencontro que logo mais se dará.

Os teus afetos te aguardam, esperançosos. Não os decepções com a revolta ou com o desespero injustificado.

Eles vivem como também viverás.

Anteciparam-te na viagem, mas não se apartaram, realmente, de ti.

Não os vêes, como estão ao teu lado...

Se os amas, estão contigo, se os detestas, vinculam-se a ti.

Não os fixes às memórias inditasas, aos impositivos da paixão, às condições da tua dor.

Luariza a saudade, mediante a certeza de reencontrá-los.

*Joanna de Ângelis
Divaldo Pereira Franco*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela minha vida e, principalmente, por me dar forças todos os dias para me levantar e vencer as batalhas do cotidiano.

À minha família, sobretudo à minha irmã e maior amiga Wanessa Pires Garcia Vidal, por suas conversas de apoio, tão necessárias em minha vida. Aos meus pais, que, embora tenham partido tão cedo, conseguiram me ensinar o valor da vida e do esforço de poder conquistar o que sonhamos.

À professora Rosana, pela confiança depositada em mim, pela paciência e pelas longas conversas travadas a respeito do tema desta pesquisa. Agradeço à Rosana não apenas por ter me orientado durante todo o processo de execução deste trabalho, mas também por ter mostrado a mim um exemplo de postura ética, de respeito, de humildade e de sabedoria.

Aos colegas de Mestrado, que junto comigo lutaram para vencer mais esta etapa da vida.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Geografia por compartilharem o saber tão importante para nossa formação profissional.

Às professoras Márcia Siqueira de Carvalho e Alice Yatiyo Asari pelas sugestões apresentadas no exame de qualificação.

Às professoras Alice Yatiyo Asari e Irinéa de Lourdes Batista por terem aceitado participar da banca de defesa.

GARCIA, Valquíria Pires. **As contribuições de Pierre George para a geografia moderna**. 2015. 82 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

RESUMO

Pierre George (1909-2006), geógrafo francês pertencente à escola francesa de Geografia, é considerado um dos geógrafos precursores da Geografia crítica. Para vários estudos voltados à epistemologia da ciência geográfica, muitos temas propostos por Pierre George despertam até hoje o interesse de geógrafos do mundo todo, um desses temas certamente é o mundo subdesenvolvido. Com o objetivo de desvendar a contribuição de Pierre George para a Geografia Moderna, este trabalho apresenta uma análise estruturada na História da Ciência, baseada, sobretudo, em uma seleção de obras publicadas pelo geógrafo ao longo do século XX.

Palavras-chave: Epistemologia da Geografia. História da Ciência. Pierre George. Geografia Ativa. Geografia Crítica.

GARCIA, Valquíria Pires. **The contributions of Pierre George for modern geography**. 2015. 82 p. Dissertation (Master's Degree in Geography) – State University of Londrina, Londrina, 2015.

ABSTRACT

Pierre George (1909-2006), french geographer belonging to the French School of Geography, is considered one of the precursors of critical geographers geography. For various studies focused on epistemology of geographical science, many items proposed by Pierre George awaken to this day the geographers of interest from around the world, one of those issues is certainly the developing world. Aiming to desvendar Pierre George's contribution to Modern Geography, this paper presents a structured analysis in the History of Science, based mainly on a selection of works published by the geographer throughout the twentieth century.

Key Words: Epistemology of Geography. History of Science. Pierre George. Active geography. Critical geography.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| Figura 1 – Primeiro, Segundo e Terceiro mundo..... | 39 |
| Figura 2 – Comunidade dos Estados Independentes (CEI) | 40 |
| Figura 3 – Síntese regional de Pierre George | 50 |
| Figura 4 – Modelo esquemático do reticulado de Larry Laudan..... | 70 |
| Figura 5 – A Geografia de Pierre George no modelo esquemático do reticulado de Larry Laudan..... | 72 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|---|----|
| Quadro 1 – Obras selecionadas de Pierre George | 22 |
| Quadro 2 – Obras publicadas por Pierre George..... | 42 |
| Quadro 3 – Proposta e realizações de Pierre George | 76 |

SUMÁRIO

| | | |
|----------|---|-----------|
| 1 | INTRODUÇÃO | 12 |
| 2 | CONDUÇÃO METODOLÓGICA DA PESQUISA | 16 |
| 2.1 | A COLETA DE INFORMAÇÕES | 21 |
| 3 | A CIÊNCIA GEOGRÁFICA | 23 |
| 3.1 | A ESCOLA ALEMÃ DE GEOGRAFIA | 28 |
| 3.2 | A GEOGRAFIA FRANCESA LABLACHIANA | 29 |
| 3.3 | A GEOGRAFIA EM MEADOS DO SÉCULO XX | 34 |
| 3.4 | O CONTEXTO HISTÓRICO DAS PUBLICAÇÕES DE PIERRE GEORGE..... | 37 |
| 4 | PIERRE GEORGE E A GEOGRAFIA LABLACHIANA | 41 |
| 4.1 | A GEOGRAFIA ATIVA DE PIERRE GEORGE..... | 47 |
| 5 | AS CONTRIBUIÇÕES DE PIERRE GEORGE PARA A GEOGRAFIA MODERNA | 60 |
| 5.1 | O SUBDESENVOLVIMENTO..... | 61 |
| 5.2 | A POPULAÇÃO..... | 62 |
| 5.3 | QUESTÕES URBANAS..... | 64 |
| 5.4 | TÉCNICAS | 65 |
| 5.5 | MARXISMO | 66 |
| 5.6 | QUESTÃO METODOLÓGICA | 67 |
| 5.7 | A GEOGRAFIA DE PIERRE GEORGE ANALISADA NA PERSPECTIVA DE LARRY LAUDAN..... | 69 |
| | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 74 |
| | REFERÊNCIAS | 79 |

1 INTRODUÇÃO

“Somos o que somos pela nossa história, portanto, toda ciência é o que é pela sua história”.

Castrogiovanni (2007, p.35)

Desde que iniciamos o curso de graduação em Geografia, em 1997, na Universidade Estadual de Londrina (UEL), a epistemologia da ciência geográfica sempre nos despertou interesse. A disciplina Epistemologia do Pensamento Geográfico, cursada no primeiro ano letivo do curso da graduação, talvez tenha sido o *start* para o nosso interesse nesta área de pesquisa.

Como bolsista do PET (Programa de Educação Tutorial), realizamos vários estudos, entre eles, alguns voltados à Geografia produzida por autores clássicos da ciência geográfica, como Max Sorre e Jacqueline Beaujeu-Garnier.

Depois de graduada, no ano de 2000, por uma série de questões pessoais, ficamos afastadas da universidade durante aproximadamente cinco anos.

Em 2005, cursamos a especialização em História e Filosofia da Ciência, no departamento de Filosofia, na mesma universidade onde nos graduamos. Nessa especialização, desenvolvemos uma pesquisa referente a Alexander Von Humboldt e a sua obra, o *Cosmos*.

Depois de sete anos afastada da universidade, buscamos ingressar, em 2013, no curso de mestrado em Geografia, na Universidade Estadual de Londrina. O projeto que apresentamos para a avaliação da banca examinadora voltava-se novamente para a área de epistemologia da ciência geográfica, agora com outro geógrafo clássico, o francês Pierre George.

Na perspectiva de Ruy Moreira (2008), em recentes debates que envolvem assuntos geográficos, vem aumentando a curiosidade, do público participante, por fontes originárias das teorias que estruturam os temas debatidos. Entre os clássicos que atualmente vêm despertando esse interesse, podemos citar: Elisée Reclus, Paul Vidal de La Blache, Pierre George, Max Sorre, Jean Tricart e Richard Hartshorne, geógrafos que tiveram forte presença na formação da Geografia brasileira.

No entanto, ainda são muito escassas as pesquisas acadêmicas que se voltam para o estudo do que Moreira (2008) denomina matrizes clássicas originárias.

Este trabalho vem ao encontro dessa tendência citada por Moreira, ou seja, desvendar a contribuição de um importante geógrafo, no caso, Pierre George. Porém, para definirmos o foco da pesquisa, limitamos a influência de George para o período denominado Geografia Moderna.

Mas, por que Geografia Moderna?

Porque Pierre George publicou grande parte de suas obras na segunda metade do século XX, período denominado Geografia Moderna.

Vale destacar que estamos adotando a periodização da evolução do conhecimento geográfico proposto por Manuel Correia de Andrade (1987, p. 63).

[...] Para a Geografia admitimos, de forma esquemática, a existência de um primeiro período em que pontificaram os institucionalizadores desta ciência, ao qual se seguiu outro de consolidação e de difusão do conhecimento geográfico, a que chamamos período clássico, e em seguida, após a Segunda Guerra Mundial, teríamos o período moderno.

Grande parte dos alunos que cursam uma graduação em Geografia já tiveram conhecimento de autores clássicos que contribuíram para construir a história da ciência geográfica, como Alexander von Humboldt, Karl Ritter, Paul Vidal de La Blache, Friedrich Ratzel, Max Sorre e Pierre George. Porém, poucos estudantes se interessam em conhecer o que efetivamente esses geógrafos influenciaram na história da ciência geográfica.

Talvez uma das razões para essa ausência de interesse por parte dos alunos em conhecer melhor tais geógrafos esteja na falta de iniciativa de muitos docentes universitários em apresentar fontes primárias de autores clássicos para seus alunos.

No caso de Pierre George, como podemos constatar em várias obras voltadas à epistemologia da Geografia, muito pouco se aborda a respeito de seu trabalho. O que se percebe é que, geralmente, Pierre George é mencionado como participante de um movimento que ficou conhecido como Geografia Ativa, porém, não existem maiores explicações a respeito desse assunto. Percebemos que, para muitos estudantes de Geografia, a influência de George acaba por aí.

Poucos alunos conhecem ou se interessam em descobrir qual foi a participação desse geógrafo francês na Geografia.

De certa forma, assim como Pierre George, vários autores clássicos que contribuíram para a evolução do pensamento geográfico ainda não foram estudados com a devida atenção que merecem.

Devido a essa ausência de estudos frente a um importante geógrafo, ficamos intrigados a responder perguntas como: qual foi a contribuição de Pierre George para a Geografia Moderna? Se Pierre George influenciou o pensamento geográfico moderno, de que maneira isso aconteceu? Por inovações metodológicas? Pela inserção de novos temas nos estudos geográficos? Esse geógrafo manteve as características da Geografia clássica francesa da qual fazia parte?

Questões como essas nos estimularam a desenvolver a presente investigação.

Imaginemos que a ciência geográfica seja um grande quebra-cabeças e que cada uma das peças que o compõe corresponde a um trecho da história dessa ciência.

Pois bem, a montagem desse quebra-cabeça ainda não foi inteiramente finalizada, uma vez que a ciência geográfica continua em constante transformação.

Além disso, algumas peças mais antigas, que há tempos já se encontram encaixadas, possuem cores opacas, pois as cores do conhecimento que as tornariam mais vivas, pouco foram direcionadas a elas. Desse modo, acreditamos que a influência de Pierre George na Geografia Moderna seja uma dessas peças opacas que formam o quebra-cabeça da Geografia.

Buscamos na História da Ciência uma oportunidade de desvendar alguns conhecimentos que certamente trariam cores vivas para essa peça. Acreditamos que essa área do conhecimento poderia nos proporcionar a chave metodológica para descobrir os mistérios que envolvem a geografia de Pierre George.

Assim, diante dessas indagações, construímos nossa pesquisa estruturando-a em quatro capítulos.

O Capítulo 2 – “Condução metodológica da pesquisa” – trata da opção metodológica escolhida para nos direcionar ao longo do processo de investigação da pesquisa. Nesse capítulo, também apresentamos ao leitor algumas considerações a respeito da História da Ciência, além de alguns apontamentos que o procedimento da pesquisa causou.

O Capítulo 3 – “A ciência geográfica” – apresenta, à luz de referenciais teóricos, a evolução da ciência geográfica ao longo do tempo. Nele, destacamos a escola alemã de Geografia e também a escola francesa lablachiana, procurando contextualizar essas duas importantes escolas de geografia na evolução do pensamento geográfico. Também situamos o leitor quanto às características da Geografia produzida no século XX, uma vez que o objeto de estudo desta pesquisa participa desse período histórico.

O Capítulo 4 – “Pierre George e a geografia lablachiana” – apresenta um estudo teoricamente embasado a respeito da Geografia produzida por Pierre George estabelecendo paralelos com a Geografia francesa produzida por um de seus maiores expoentes, Paul Vidal de La Blache. Também trata da Geografia Ativa, proposta de estudo geográfico apresentada por um grupo de geógrafos franceses do qual Pierre George fazia parte.

O Capítulo 5 – “As contribuições de Pierre George para a Geografia Moderna” – está composto pelos principais temas que Pierre George inseriu no temário de discussão da ciência geográfica. Além disso, apresenta uma análise da proposta de Geografia produzida pelo autor à luz da perspectiva da teoria da ciência de Larry Laudan.¹

Nas “Considerações Finais”, apresentamos algumas interpretações a respeito de nossas interpretações ao longo desta pesquisa. Também apontamos questões que possam vir a contribuir para outros estudos voltados ao tema, sobretudo no que concerne a Pierre George.

¹ Larry Laudan, físico e filósofo, nasceu em 1945 nos Estados Unidos. Docente de História e Filosofia da Ciência, atualmente é pesquisador na área da teoria do conhecimento científico, no México.

2 CONDUÇÃO METODOLÓGICA DA PESQUISA

Esta pesquisa tem como objetivo de estudo investigar as contribuições de Pierre George (1909-2006) para a Geografia Moderna.

Para atingir tal objetivo, optamos por adotar um caminho voltado à pesquisa qualitativa, já que nosso alvo almejado baseia-se, especialmente, na essência teórica do pensamento geográfico, e não em dados numéricos passíveis de serem coletados e analisados.

Para Bogdan e Biklen (1994), o desenvolvimento de uma pesquisa qualitativa possui a característica de ser uma investigação descritiva. No decorrer do processo de leituras e produção do texto desta pesquisa, confirmamos essa afirmação. No entanto, percebemos também que não devemos nos limitar às descrições. É necessário que elas sejam acompanhadas por análises que contribuam para o conhecimento do futuro leitor.

Para o encaminhamento metodológico de nossa pesquisa, optamos por percorrer o caminho definido pela História da Ciência. De acordo com Martins (2005), uma pesquisa nessa área do conhecimento deve utilizar, principalmente, fontes primárias e secundárias. Além disso, para se fazer uma pesquisa de qualidade, o pesquisador precisará

[...] fazer levantamentos, selecionar e localizar documentos, buscá-los ou obter cópias deles analisá-los. Precisar também escrever, elaborar uma argumentação, discutir trabalhos historiográficos anteriores sobre o mesmo assunto e fundamentar bem suas conclusões. [...] Por outro lado, também não existe um orientador que consiga transformar seu orientando em um bom pesquisador. É preciso um esforço de ambas as partes (MARTINS, 2005, p. 307-308).

É importante destacar que as fontes primárias correspondem à produção original do autor estudado, em nosso caso, do próprio Pierre George. Já as fontes secundárias correspondem às análises de obras produzidas por outros autores e que tratam do objeto de nosso estudo. Essa classificação é confirmada por Martins (2005, p. 310), ao dizer que

Normalmente, em uma pesquisa em História da Ciência, são utilizados documentos de vários tipos. Costuma-se classificá-los em fontes primárias (material da época estudada escrito pelos

pesquisadores estudados) e fontes secundárias (estudos historiográficos e obras de apoio a respeito do período e dos autores investigados) [...]

De acordo com Alfonso-Goldfarb (1994), a História da Ciência é uma área de estudo que surgiu junto à ciência moderna no século XVII, como uma atitude reflexiva a respeito dos caminhos trilhados pela ciência, ou ainda como uma justificativa dos caminhos trilhados pelo pensamento científico. Como a ciência moderna surgia naquele período, com seus dois traços fundamentais, ou seja, a experimentação e a matematização, era necessário justificar os procedimentos adotados pelos estudiosos, para que a sociedade aceitasse as teorias surgidas naquele momento como conhecimentos científicos.

Depois, já no século XIX, a História da Ciência tornou-se um verdadeiro inventário de conquistas científicas que deveria ser exposto aos interessados em compreender a ciência. No entanto, esses inventários não apresentavam as pesquisas que, por algum motivo, não havia atingido seu objetivo, eles se voltavam exclusivamente aos conhecimentos aceitos pela comunidade científica.

Atualmente, a História da Ciência toma novos rumos e busca fornecer informações para aqueles que procuram refletir, analisar, ou seja, estudar a ciência.

Entre essas informações, estão as normas, as regras, os princípios adotados pelos cientistas no decorrer do tempo. Para Martins (2001), a História da Ciência, hoje, apresenta o processo de construção do conhecimento científico.

No entanto, essa construção do conhecimento científico não é estudada a partir do entendimento de ciência que temos atualmente. A História da Ciência estuda a construção do conhecimento no período histórico em que foi realizada. Nesse sentido, pode-se afirmar que essa área do conhecimento se interessa pelo que é ciência hoje e também o que foi ciência no passado.

Para Ferreira e Martins (2009, p.12):

Tendo em vista essas considerações, podemos dizer que, atualmente, o historiador da Ciência procura entender o cenário da construção dos conhecimentos em determinada época, de modo contextualizado, tendo como princípio a concepção de que cada cultura e período têm formas particulares de ver o mundo, problemas

peculiares que desejam resolver e formas de resolvê-los também peculiares.

Dessa forma, de acordo com os autores, uma das questões discutidas pela História da Ciência atualmente é a respeito do ponto de vista adotado pelos cientistas no momento de suas pesquisas, isto é, a pesquisa deve analisar o objeto de estudo de modo internalista ou de modo externalista.

O ponto de vista internalista considera importante estudar os aspectos internos da ciência, como teorias e conceitos, sem estabelecer relação alguma com a sociedade ou com o contexto histórico no qual é produzida. Já o ponto de vista externalista considera fatores políticos, econômicos e sociais no estudo do desenvolvimento do conhecimento científico.

Outra questão discutida pela História da Ciência é a ideia de o conhecimento científico ser construído de forma continuada ou não.

Para estudiosos conhecidos como continuístas, o conhecimento científico avança ao longo do tempo de modo interligado. Nesse ponto de vista, existiria um verdadeiro progresso e uma continuidade do pensamento científico, e, para se alcançar um conhecimento novo, haveria um aprimoramento ou uma continuação dos antigos.

Para os cientistas que adotam o descontínuismo, o conhecimento científico não oferece uma linha de avanços interligados, ou seja, uma evolução. Nessa perspectiva, para se construir um conhecimento científico novo não haveria um aprimoramento do antigo, mas sim um verdadeiro rompimento com os conhecimentos anteriores. Para os descontinuístas, a ciência avança, porém de modo descontínuo.

Hoje existem várias associações de História da Ciência, como a British Society for the History of Science, no Reino Unido, e a History of Science Society, nos Estados Unidos.

No Brasil, podemos citar a Sociedade Brasileira de História da Ciência (SBHC). Fundada em 16 de dezembro de 1983, a SBHC tem por principal objetivo promover e divulgar estudos a respeito da História das Ciências e seus campos afins. A cada dois anos, a SBHC promove o Seminário Nacional de História

da Ciência e da Tecnologia,² no qual procura-se promover a troca de experiências entre estudiosos da área de História da Ciência, como pesquisadores de programas de pós-graduação, professores universitários e, ainda, tanto alunos de programas de pós-graduação quanto graduandos em várias áreas interessados na História das Ciências.

Além da presença da História da Ciência em pesquisas acadêmicas, muito se tem discutido a respeito da importância dessa área de estudo nos cursos de graduação e, depois, na prática docente dos professores na sala de aula.

Vários estudos científicos já realizados afirmam que inadequadas práticas pedagógicas na sala de aula são resultado de uma visão já superada a respeito da natureza da ciência que muitos profissionais possuem. Além de apresentarem uma disciplina fria e metódica aos estudantes, os professores que adotam as práticas pedagógicas inadequadas contribuem para o desinteresse dos alunos no estudo da ciência. O contato com uma disciplina que trata a ciência de modo frio e “metódico” não desperta o interesse dos alunos em aprender ciência e muito menos a seguir uma carreira na área.

De acordo com Matthews (1995), vivemos uma verdadeira crise no ensino da ciência, e, embora a História da Ciência não possua a solução para essa crise, a iniciativa de aproximá-la do ensino de ciências pode ser gratificante.

Vários estudos científicos apresentam aspectos positivos para a inserção da História da Ciência no ensino de ciência. Para Batista e Lucas (2011, p. 246), essa inserção

[...] desmistifica e humaniza a Ciência, torna as aulas mais reflexivas e estimulantes, melhora a formação dos professores, favorece o desenvolvimento do pensamento crítico, supera a falta de significado de conceitos, além de esclarecer relações entre dogma, sistema de crenças e racionalidade científica.

De modo geral, as pessoas associam História da Ciência à história de grandes personagens, como Einstein e Galileu, ou então às grandes invenções científicas. No entanto, essa é uma visão errônea dessa área do conhecimento.

Ferreira e Martins (2009, p. 3-4) afirmam que

² De acordo com a Sociedade Brasileira de História da Ciência, já foram realizados 11 Seminários Nacionais de História da Ciência e da Tecnologia.

A História da Ciência não é um conjunto de biografias de grandes personagens. Também não é um conjunto de relatos cronologicamente organizados sobre descobertas marcantes.

Um historiador da Ciência não costuma escrever trabalhos do tipo “os grandes gênios da humanidade”. Isso porque seu objetivo não é mostrar determinadas pessoas como heróis que tornaram a Ciência o que ela é hoje, em contraposição a vilões que atrasaram a evolução dessa Ciência.

Essa atitude implicaria em desprezar múltiplas pequenas contribuições de anônimos ou personagens pouco conhecidos que foram significativas para que alguns poucos nomes, por motivos os mais variados (incluindo motivos políticos, religiosos, econômicos etc.), tornassem consagrados. Implicaria, ainda, em valorar negativamente ideias atualmente consideradas inadequadas, mas que eram plausíveis e respondiam satisfatoriamente a problemas da época em que foram propostas.

O tema desta pesquisa justifica-se exatamente pelo fato de buscar valorizar as contribuições de um geógrafo, durante o período da Geografia Moderna, que, por diversos motivos, não foi amplamente estudado e divulgado no meio acadêmico.

Embora essa participação seja citada em várias obras que tratam a evolução do pensamento geográfico, não realizam uma análise aprofundada a respeito do assunto.

A situação não é diferente nos cursos de Geografia em muitas Universidades do Brasil. Ao se trabalhar a disciplina de Epistemologia do Pensamento Geográfico, normalmente, Pierre George é citado entre importantes geógrafos franceses do passado, porém, poucos se interessam em conhecer efetivamente seu trabalho.

O tema de nossa pesquisa também se justifica pelo seu ineditismo. De acordo com Ferreira e Martins (2009, p. 14), um bom trabalho engajado na proposta da História da Ciência deve se basear em temas inovadores e muito bem delimitados. O pesquisador deve, ao longo da pesquisa, aprofundar-se nesse tema, apresentando novos conhecimentos ao leitor.

Martins (2005, p. 308) conjuga essa ideia, afirmando que,

Em uma pesquisa, não faz sentido repetir coisas que já foram feitas, ou chegar a conclusões já aceitas por todos, sem acrescentar nada de novo. Uma pesquisa deve procurar trazer novos conhecimentos históricos ou criticar e corrigir conhecimentos antigos.

Com base no que expomos, esperamos que esta pesquisa se constitua em um instrumento da História da Ciência na busca de desvendar aspectos que ainda não foram analisados na história do pensamento geográfico.

2.1 A COLETA DE INFORMAÇÕES

Ao iniciarmos o procedimento de levantamento bibliográfico a respeito do tema desta pesquisa, tanto em livros impressos, quanto na internet, deparamo-nos com poucas fontes secundárias em língua portuguesa referentes ao tema em questão.

Para se ter uma ideia sobre a ausência de estudos referentes à obra de Pierre George, realizamos buscas no sistema Webqualis, no portal Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), e não obtivemos resultados positivos. Também realizamos buscas nas bibliotecas virtuais de universidades como a Universidade de São Paulo (USP), a Universidade Estadual de Maringá (UEM) e a Universidade Estadual Paulista (Unesp), e nossos resultados não foram diferentes.

A ausência de variadas fontes secundárias, de certa forma, tornou-se um obstáculo. Porém, isso não conseguiu diminuir o desejo de levarmos adiante nosso objetivo, ao contrário, despertou-nos mais interesse em desvendar o que se escondia por trás do silêncio frente ao trabalho de Pierre George na Geografia.

Percebemos nesse momento que nossa pesquisa seria baseada, sobretudo, em fontes primárias. Desse modo, decidimos escolher uma seleção de obras publicadas por Pierre George, e traduzidas para o português, durante o século XX.

Para a definição dessa seleção, optamos por escolher aproximadamente duas publicações por década, iniciando na década de 1940 e terminando na década de 1970.³ Além disso, buscamos obras nas quais Pierre George abordou temas mais gerais, evitando, assim, as obras que tratam de temas

³ Embora Pierre George tenha publicações nas décadas de 1930, 1980 e 1990, não as inserimos em nossas análises pois não há traduções delas para a língua portuguesa.

regionais publicadas pelo geógrafo. O quadro a seguir apresenta as obras selecionadas para a execução deste estudo.⁴

Quadro 1 – Obras selecionadas de Pierre George

| |
|--|
| GEORGE, Pierre. Geografia agrícola do mundo . 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991. [1946] |
| GEORGE, Pierre. Geografia industrial do mundo . São Paulo: Difel, 1969. [1947] |
| GEORGE, Pierre. Geografia econômica . 6. ed. São Paulo: Editora Fundo de Cultura, 1973. [1956] |
| GEORGE, Pierre. Geografia urbana . São Paulo: Difel, 1983. [1961] |
| GEORGE, Pierre <i>et al.</i> Geografia ativa . 5. ed. São Paulo - Rio de Janeiro: Difel, 1980. [1964] |
| GEORGE, Pierre. Geografia da população . São Paulo: Difel, 1969. [1965] |
| GEORGE, Pierre. A ação do homem . São Paulo: Difel, 1970. [1968] |
| GEORGE, Pierre. Os Métodos da Geografia . 2. ed. São Paulo: Difel, 1986. [1970] |
| IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA. Pierre George : conferências no Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, 1970. |
| GEORGE, Pierre. Populações ativas . São Paulo - Rio de Janeiro: Difel, 1979. [1978] |
| GEORGE, Pierre. Sociedades em mudanças : introdução a uma Geografia social do mundo moderno. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982. [1980] |

Fonte: elaborado pela autora.

Tendo em mão as fontes primárias coletadas, demos início às análises delas sempre apoiadas, e ao mesmo tempo direcionadas, pelo trabalho de nossa orientadora.

Acreditamos que o caminho trilhado por esta pesquisa nos conduziu a desvendar informações preciosas a respeito de um geógrafo que, assim como tantos outros, precisa ser estudado com maior dedicação.

Esperamos que esta pesquisa seja a mola propulsora para outros trabalhos voltados ao estudo de autores clássicos da Geografia, sobretudo, de Pierre George.

⁴ É importante destacar que nem todas as obras selecionadas para este estudo são contempladas com citações ao longo do texto. Porém, todas foram analisadas com o propósito de construirmos um embasamento teórico para a produção do presente estudo.

3 A CIÊNCIA GEOGRÁFICA

Tendo em vista realizar um estudo que aborde as contribuições do geógrafo francês Pierre George no temário discutido pela Geografia Moderna, é necessário realizarmos um resgate histórico e epistemológico da ciência geográfica. Afinal, como afirma Castrogiovanni (2007, p. 35), “somos o que somos pela nossa história, portanto, toda ciência é o que é pela sua história”.

Embora se admita que a Geografia tenha se tornado uma ciência autônoma a partir do século XIX, isso não significa que não existiam ideias geográficas antes desse período.

O fato de habitar a superfície terrestre e se relacionar com a natureza para dela extrair o que necessita para sobreviver fez com que as sociedades, ao longo do tempo, construíssem um conhecimento empírico a respeito do espaço em que viviam, e, a partir dele, desenvolvessem diferentes ideias geográficas e, conseqüentemente, diferentes concepções de mundo.

De acordo com Kaercher (2001, p. 66),

A Geografia foi criada, como ciência autônoma, só muito recentemente, na segunda metade do século dezanove [...]. Claro que o conhecimento empírico do seu espaço foi feito pelo homem diariamente, pois; desde sempre, reconhecer o espaço circundante é imprescindível para a sobrevivência.

Podemos afirmar que, de modo geral, as ideias geográficas eram utilizadas, acima de tudo, para descrever roteiros de viagens escritos, muitas vezes, de modo literário,⁵ para indicar recursos a serem explorados e ainda representar interpretações meteorológicas. Moraes (1997) explica que esse período do pensamento geográfico não possui uma padronização ou mesmo uma unidade temática dos conhecimentos elaborados, ele foi formado por diversas ideias dispersas e sem conexão, ou seja, sendo impossível identificar uma disciplina sistematizada e autônoma.

⁵ Entre os escritores que produziram interessantes textos literários ricos em informações geográficas, pode-se destacar Homero, com os poemas *Ilíadas* e *Odisseia*. Nesses clássicos da literatura universal, ao retratar com grande riqueza de detalhes a guerra entre Troia e os Estados gregos, Homero descreveu aspectos físicos do ambiente mediterrâneo, sobretudo das ilhas gregas e do litoral da Ásia.

É importante destacar que entre os gregos, durante a Antiguidade, surgiram algumas reflexões mais aprimoradas e os primeiros passos para uma futura teorização envolvendo o pensamento geográfico, entre elas, a discussão a respeito da esfericidade e as dimensões da Terra. Sodré (1989, p. 14) afirma que os gregos foram os primeiros povos que passaram a registrar de forma mais sistemática seus conhecimentos geográficos. Além disso, foram eles que nomearam os conhecimentos sobre a superfície da Terra como Geografia.

Foi somente no final do século XIX que a Geografia alcança o *status* de ciência. As transformações culturais e, sobretudo, as técnico-científicas decorrentes do avanço do sistema econômico capitalista desde o século XVIII trouxeram consigo o desenvolvimento das ciências em geral, inclusive o da Geografia.

Andrade (1987) explica que o avanço do sistema econômico capitalista, ao promover a expansão do mundo conhecido, principalmente pelo advento das Grandes Navegações, além de quebrar, gradativamente, a influência exercida pela igreja na Idade Média, também promoveu o avanço em técnicas de pesquisas nas diversas áreas do conhecimento, entre elas, a Geografia.

Na segunda metade do século XVIII as ciências naturais, como a Física, a Química, a Biologia, a Botânica, a Zoologia, a Astronomia, desenvolveram-se com repercussões na Geografia. O poder da Igreja e o respeito às crenças tradicionais geraram certa luta entre a ciência e a religião, e as ideias e os princípios finalistas e teleológicos começaram a perder terreno (ANDRADE, 1987, p. 47).

O interesse da classe burguesa, pertencente ao sistema capitalista, em conhecer e se apropriar das riquezas existentes nos territórios coloniais fez com que essa classe patrocinasse expedições científicas ao interior de áreas coloniais. Essa iniciativa propiciou condições para que houvesse a expansão das ciências naturais voltadas à observação e à experimentação, ou seja, às ideias do positivismo de Augusto Comte.

As mudanças ocorridas no século XVIII estão relacionadas ao advento da razão e ao rompimento com a metafísica. É uma época em que é priorizada a ordem, regulada por leis, como resultado dos princípios do iluminismo e do positivismo no contexto das ciências (CASTROGIOVANNI, 2007, p. 36).

O que se percebeu nesse período histórico foi a construção de um grande conjunto de conhecimentos empíricos a respeito dos mais diversos lugares da Terra. Diante disso, o capitalismo acabou por promover condições propícias à institucionalização da Geografia. Isso porque uma série de conhecimentos, como a real dimensão e a forma da Terra, de informações sobre diversos lugares da superfície terrestre e de técnicas mais aprimoradas de representações cartográficas constituíram a base de pesquisas para os futuros estudos comparativos da Geografia.

Diversas narrativas de viagens realizadas até aquele período passaram a identificar e a catalogar as características das áreas coloniais. Essas narrativas buscavam, acima de tudo, produzir verdadeiros inventários de recursos a serem explorados. No entanto, esses conhecimentos geográficos construídos até o século XIX não apresentavam cunho científico, eles se restringiam às descrições zonais de seus objetos de estudo.

Desse modo, chega-se ao século XIX com uma grande produção de dados e de informações a respeito de diversos lugares da superfície terrestre, porém, sem o devido tratamento sistemático de uma ciência. A Geografia, nesse contexto, sente a necessidade de construir um campo de disciplina próprio. Como afirma Gomes (2000, p. 149-150):

Os primeiros anos da modernidade são marcados pela produção de uma enorme quantidade de dados e de informações dificilmente tratáveis de maneira sistemática pela ciência da época. A ausência de segmentação no seio da ciência impossibilitava a análise de certos temas particulares nascidos desses dados. [...]

A Geografia era ainda muito ligada às narrativas de viagens e não possuía, portanto, um corpo de interpretação individualizado, capaz de lhe dar uma clara identidade. [...]

É nesta época que se faz sentir a necessidade de circunscrever um campo disciplinar próprio, a necessidade também de tratar de maneira sistemática as informações e de as controlar e regulamentar a sua produção. Enfim, a geografia experimentou a necessidade de estabelecer um método legítimo do ponto de vista científico.

De acordo com Moraes (1997) e Andrade (1987), a Alemanha do século XIX foi o palco das primeiras abordagens da Geografia como ciência. Vivendo um período histórico em que a nação alemã buscava sua unificação e,

principalmente, a expansão de seus domínios territoriais, esse país foi o pioneiro a institucionalizar a Geografia nas universidades.

Alexander von Humboldt e Karl Ritter tornaram-se mundialmente conhecidos como os fundadores da ciência geográfica devido, essencialmente, aos estudos geográficos elaborados por esses dois estudiosos.

De acordo com Andrade (1987), é somente no século XIX que a Geografia como ciência chega às universidades e às escolas europeias, sendo a Alemanha o país pioneiro em integrar a Geografia no currículo escolar.

Alexander von Humboldt nasceu na Alemanha em 1769 e dedicou seus estudos especialmente às ciências naturais, embora não tenha deixado de analisar a organização de várias sociedades humanas.

Grande viajante, Humboldt acumulou conhecimentos sobre diversas regiões da superfície terrestre, como Europa, Ásia Central e América Latina. Influenciado pelo racionalismo do século XVIII e, também, pelo positivismo, Humboldt buscou estabelecer leis gerais que explicassem a realidade em que vivia. Partindo da compreensão da natureza física, ele procurou explicar a evolução da sociedade.

Embora Humboldt não tenha se afastado das viagens e das observações e descrições detalhadas a respeito das paisagens, seus estudos compunham procedimentos metodológicos baseados em comparações e estabelecimento de interações entre aspectos físicos e humanos. Por isso, seus estudos não se restringiram apenas aos aspectos físicos, a sociedade também passou a fazer parte de suas interpretações.

Gomes (2000) explica que Humboldt procurou agir metodicamente, comparando e combinando fenômenos que até então pareciam desconectados. A razão foi o instrumento utilizado por ele para promover a união desses fenômenos.

Ao se reportar a *Cosmos*, obra publicada por Humboldt em meados do século XIX, Gomes (2000, p. 158) afirma que

A organização do *Cosmos* é um exemplo desta nova atitude científica. É verdade que encontramos a tradição das cosmografias na estrutura da obra, notadamente quando ele descreveu o céu, a Terra e a vida orgânica. Contudo, se o conteúdo ainda é próximo daquele das cosmografias, a originalidade da conduta de Humboldt, sua especificidade, está na utilização de um método [...]. Em cada parte de sua obra se apresentam temas apoiados nos resultados

mais recentes das ciências experimentais. Esses dados são sempre relacionados com outros, e Humboldt consegue, assim, estabelecer entre eles laços analíticos. A importância de seu trabalho ultrapassa largamente a simples classificação, que era frequentemente a característica das cosmografias anteriores.

Karl Ritter nasceu na Prússia, em 1779, tornando-se mais tarde filósofo e historiador. Seus estudos estiveram voltados, principalmente, às áreas humanas, buscando relacionar a evolução das sociedades com o meio onde viviam.

Partindo de estudos de caráter corográfico, ou seja, de descrições regionais, Ritter desenvolveu um método de estudo geográfico chamado método comparativo. De acordo com este método era necessário comparar paisagens, em seguida estabelecer relações e depois, elaborar leis gerais. Ruy Moreira (2008, p. 15) explica o processo de estudo de Ritter:

O processo consiste em comparar as paisagens duas a duas e daí extrair os traços comuns e os singulares de cada uma, para assim inferir a ordem geral de classificação e a específica de individualidade, produzindo o mapa dos recortes nessa significação. A comparação sucessiva, recorte a recorte, até o limite da superfície terrestre, completa o mapa das individualidades, ao final do qual a corografia converte-se numa corologia, um olhar sobre o mosaico das paisagens da superfície terrestre arrumado na teoria.

Ritter transformou as descrições simplesmente taxonômicas às abordagens científicas, ou seja, baseadas em uma teoria e produzidas a partir do método comparativo.

Costuma-se denominar o período de institucionalização e consolidação da ciência geográfica de Geografia Clássica e de Geografia Moderna o período após a Segunda Guerra Mundial. A Geografia Clássica apresentou ao longo da história uma postura reducionista-mecanicista. De acordo com Castrogiovanni (2007), reducionista porque buscavam reduzir os fenômenos às partes individuais para depois interpretá-los, e mecanicista porque realizavam estudos a partir das relações de causa e efeito. Esta postura reducionista-mecanicista estava diretamente relacionada à concepção filosófica e metodológica do positivismo apresentado por Augusto Comte (1789-1857), que será abordada mais adiante.

No período clássico da Geografia, podemos identificar duas grandes escolas: a escola alemã de Geografia e a escola francesa de Geografia. Estruturadas por meio do método de análise regional, a escola alemã e a escola

francesa de Geografia orientaram parte significativa do pensamento geográfico até o início do século XX. Ancoradas sob as bases positivistas, a ciência geográfica que surgiu a partir do século XIX foi denominada Geografia Tradicional.

3.1 A ESCOLA ALEMÃ DE GEOGRAFIA

De acordo com Andrade (1987, p. 67), a Alemanha foi o país no qual a Geografia primeiro se institucionalizou. Nesse país, trabalharam três importantes geógrafos do período clássico da Geografia: Alexander von Humboldt, Karl Ritter e Friedrich Ratzel.

Além de Humboldt e Ritter, Ratzel também foi importante para a evolução do pensamento geográfico, e, suas obras foram publicadas no final do século XIX. Ratzel abordou a Geografia sob a lente de uma ciência naturalista e definiu como objeto da Geografia o estudo da influência do meio natural em relação ao ser humano.

Moraes (1997) explica que, na visão de Ratzel, as influências do meio natural atuavam, primeiramente, na fisiologia e na psicologia do ser humano e, depois, na própria sociedade. Além disso, a própria disponibilidade de recursos naturais existente em uma área ocupada por determinada sociedade pode influenciar seu desenvolvimento econômico.

Os discípulos de Ratzel ampliaram suas teorias, dando origem ao que chamamos de Escola Determinista ou determinismo geográfico. De acordo com essa escola, as condições naturais determinaram o desenvolvimento do ser humano, e não apenas influenciaram.

Os discípulos de Ratzel radicalizaram suas colocações [...]. Os autores dessa corrente partiram da definição ratzeliana do objeto da reflexão geográfica e simplificaram-na. Orientaram seus estudos por máximas, como “as condições naturais determinam a História”, ou “o homem é um produto do meio” (MORAES, 1997, p. 57-58).

Para o determinismo, as condições naturais, como o clima, a vegetação e o relevo, são decisivas para o desenvolvimento do ser humano. Uma afirmação típica dos deterministas seria a de que o clima define o desenvolvimento econômico de um país. Assim, os países mais desenvolvidos economicamente seriam os que estão localizados em áreas de condições climáticas mais favoráveis,

ou seja, de clima temperado, como os Estados Unidos, a França e a Alemanha. Já as regiões de clima equatorial estariam ocupadas por países menos desenvolvidos, como vários países africanos, da América Latina e do Sudeste asiático.

3.2 A GEOGRAFIA FRANCESA LABLACHIANA

De acordo com Andrade (1987), a derrota da França para a Alemanha, na guerra franco-prussiana, em 1871, fez com que a França investisse na reorganização do ensino de Geografia no país. Para muitos, a Alemanha havia vencido a guerra em razão da elevada qualidade do ensino, sobretudo de Geografia e História, existente no país, naquele período ainda denominada Prússia.⁶

A França, por sua vez, repensou o ensino de seu país. Moraes (1997) explica que a França inseriu a disciplina de Geografia em todas as séries do ensino básico e criou cátedras e também institutos de Geografia. Desse modo, a França desenvolveu uma verdadeira escola de Geografia na primeira metade do século XX, tendo como seu maior expoente Paul Vidal de La Blache.

Antes de La Blache, a França conheceu outros trabalhos geográficos, no entanto, não reconhecia a Geografia como área autônoma da ciência, um exemplo foi Jean-Jacques Élisée Reclus (1830-1905).

Élisée Reclus foi um geógrafo francês que, diferentemente de grande parte dos geógrafos de seu tempo – segunda metade do século XIX –, esteve voltado às classes menos favorecidas. De acordo com Andrade (1987), Reclus não publicou estudos que se colocavam a favor da classe dominante ou mesmo ocupou cátedras universitárias, como muitos geógrafos de seu tempo. Ele apresentou ideias radicais, posicionando-se contra o Estado e propondo reformas sociais.

Para Reclus, os geógrafos deveriam fazer uma análise a partir dos seguintes princípios: que a sociedade está dividida em classes sociais, em consequência das formas de apropriação dos meios de produção; que esta diferença de classe provoca a luta entre as classes dominadas que aspiram a melhor sorte e as classes dominantes que não querem perder o controle do poder e das riquezas [...] (ANDRADE, 1987, p. 57).

⁶ Moraes (1997) e Andrade (1987) citam que, na França, após a derrota para a Alemanha, na guerra franco-prussiana, eram comuns comentários como “a guerra foi ganha pelo mestre-escola alemão” e “a guerra foi ganha pelos instrutores alemães”.

Esse posicionamento de Reclus, contra o poder e a exploração da classe dominante, é confirmado por Santos (1996, p. 14), quando afirma que Reclus fazia parte de um grupo formado por geógrafos que “[...] lutavam pelo advento de um mundo mais justo onde o espaço seria organizado com o fim de oferecer ao homem mais igualdade e mais felicidade”.

Entre suas obras, a que se destaca é a *Nova Geografia Universal*, composta por 19 volumes e publicada entre 1875 e 1892. Na perspectiva de Andrade⁷ (1987, p. 56), embora Élisée Reclus apresentasse em suas obras um grande destaque à descrição dos aspectos físicos da região estudada, ele não realizou em seus estudos a separação entre geografia física e geografia humana, “analisava detalhadamente fatos físicos, procurando assinalar as interações com o processo de ação do homem, da sociedade, e as transformações que ele realizava na natureza para melhor utilizá-la”.

Por apresentar ideias revolucionárias em face dos estudos geográficos da época, os trabalhos de Élisée Reclus ficaram conhecidos como Geografia Libertária. O trabalho de Élisée Reclus não atingiu tanta repercussão na França como La Blache. Em razão de sua postura anarquista, Reclus viveu muitos anos exilado fora da França, e por isso seus estudos não conseguiram ganhar muito espaço nesse país.

Andrade (1987) comenta que, no exílio, Reclus escreveu grande parte de suas obras, apresentando nelas, sobretudo, suas críticas referentes à política e à exploração colonial. Para Reclus (1985, p. 75):

O modelo essencial do civilizado europeu, ou melhor, do americano do norte, é de se preparar para o lucro, tencionando comandar os outros homens através do dinheiro todo-poderoso. Seu poder aumenta na proporção exata de seu haver. Esta é a lei hoje universalmente reconhecida, não somente nos países de cultura europeia, mas também nas regiões da Ásia que se desenvolveram conforme o modelo do mundo ideal econômico, e em todas as outras partes do mundo, arrastadas pelo exemplo da Europa e por sua vontade todo-poderosa. As antigas formas de propriedade, que reconheciam a cada habitante da comuna a igualdade dos direitos ao uso da terra, da água, do ar e do fogo, são apenas sobrevivências antigas que desaparecem rapidamente.

⁷ De acordo com Andrade (1987), com o fortalecimento da Geografia Crítica nas universidades, as obras de Élisée Reclus passaram a ser retomadas; e o seu pensamento, analisado.

Paul Vidal de La Blache possuía grande interesse pela desigual distribuição da população pela superfície terrestre. Dessa forma, em seus estudos, ele buscou explicar a distribuição da população pelo planeta a partir da relação que as sociedades estabeleciam com o meio físico onde viviam. Para Andrade (1987) e Moraes (1997), Vidal de La Blache realizou mais uma descrição da justaposição do meio físico e do meio humano do que realmente descreveu a relação existente entre esses dois meios.

Moraes (1997) complementa que a justaposição realizada por La Blache não estudou as relações entre as sociedades, por isso, não abordou temas, como relações sociais e processo de produção. Esses temas foram explorados mais tarde por seus seguidores.

Para La Blache, o meio físico exercia certa influência perante os seres humanos, no entanto, as condições técnicas adquiridas pelas sociedades permitiam que elas alterassem o meio físico de acordo com suas necessidades. Nessa perspectiva, o ser humano age constantemente na natureza, transformando-a, ou seja, o meio natural tornou-se uma possibilidade às atividades humanas, daí o surgimento do termo Possibilismo⁸ atribuído ao historiador Lucien Febvre.

Tanto La Blache quanto seus discípulos buscaram estudar as diversas formas pelas quais as sociedades alteravam o meio físico onde viviam. Esses estudos deram origem à noção de gênero de vida.

A teoria de Vidal concebia o homem como hóspede antigo de vários pontos da superfície terrestre, que em cada lugar se adaptou ao meio que o envolvia, criando, no relacionamento constante e cumulativo com a natureza, um acervo de técnicas, hábitos, usos e costumes, que lhe permitiram utilizar os recursos naturais disponíveis. A este conjunto de técnicas e costumes, construído e passado socialmente, Vidal denominou “gênero de vida”, o qual exprimiria uma relação entre a população e os recursos, uma situação de equilíbrio, construída historicamente pelas sociedades. A diversidade dos meios explicaria a diversidade dos gêneros de vida (MORAES, 1997, p. 69).

⁸ Na perspectiva de Moraes (1997), a teoria Possibilista, desenvolvida por Vidal de La Blache, foi um verdadeiro combate à teoria Determinista proposta por Ratzel na Alemanha. Entre as várias ideias defendidas pelo Determinismo, a de que o meio determina as condições de desenvolvimento das sociedades foi a mais combatida pelos possibilistas.

Com relação ao método de estudo, Vidal de La Blache foi adepto dos fundamentos positivistas, utilizando o método empírico-indutivo⁹ em suas análises.

Augusto Comte, em 1844, ao publicar sua obra *Cours de Philosophie Positive*, apresentou o positivismo como uma concepção filosófica e metodológica que deveria estruturar as pesquisas científicas.

Para o positivismo, o mundo deveria ser compreendido por meio dos sentidos, “assim, [...] os estudos devem restringir-se aos aspectos visíveis do real, mensuráveis, palpáveis” (MORAES, 1997, p. 22).

Para Lencioni (2003), essa crença ilimitada de Comte ao mundo visível e mensurável vai definir os principais procedimentos científicos do positivismo, ou seja, descartar a busca pelo conhecimento da causa última dos fenômenos para se voltar à compreensão dos fatos a partir da observação. “O positivismo, portanto, nega a investigação de outra coisa que não seja as relações entre fatos. Pergunta como os fatos se dão e como se dá a relação entre eles, mas não se centra na discussão do porquê nem do para quê se dão” (LENCIONI, 2003, p. 80).

Para o positivismo, existem três procedimentos fundamentais para a execução das pesquisas científicas: a observação, a experimentação e a indução.

Foi por meio dos postulados positivistas que Vidal de La Blache desenvolveu seus estudos geográficos. Para ele, a Geografia deveria estudar, sob a perspectiva possibilista, a relação homem-natureza a partir da observação da paisagem e tendo como unidade de análise a região. E, para vários geógrafos, entre eles, Moreira (2008) e Lencioni (2003), Vidal de La Blache foi o maior expoente da Geografia Regional.

De acordo com o geógrafo francês, a região consistia na forma como as sociedades organizavam o espaço terrestre. Moraes (1997, p. 75) explica que, para La Blache,

[...] a região não seria apenas um instrumento teórico de pesquisa, mas também um dado da própria realidade. As regiões existiriam de fato, e caberia ao geógrafo delimitá-las, descrevê-las e explicá-las. A região seria uma escala de análise, uma unidade espacial, dotada de

⁹ De acordo com Moraes (1997, 71), o método empírico-indutivo consiste em formular conclusões a partir dos dados observados diretamente, “considera-se a realidade como o mundo dos sentidos”.

uma individualidade, em relação a suas áreas limítrofes. Estes seriam dados pela ocorrência dos traços diferenciadores, aqueles que lhe conferem um caráter individual, singular. Dessa forma, a Geografia seria prioritariamente um trabalho de identificação das regiões do Globo.

Embora seja muito comum relacionar a noção de região a Vidal de La Blache, é muito importante esclarecer que essa noção estava presente no pensamento geográfico bem antes dos estudos realizados por esse geógrafo.

Immanuel Kant¹⁰ (1772-1804), no início do século XVII, já defendia que o espaço é fundamental para o estudo das sociedades, pois esse é o meio onde se vive.

Kant afirma que o espaço geográfico é de natureza diferente do espaço matemático, porque se divide em regiões que se constituem no substrato da história dos homens. Diz que uma grande imperfeição da história era não se preocupar em saber onde os fatos haviam ocorrido (LENCIONI, 2003, p. 79).

A Geografia Clássica, sobretudo a desenvolvida por La Blache, tomou os estudos regionais como uma solução para o impasse teórico-metodológico em que vivia o pensamento geográfico no século XIX.

Naquele período, a Geografia enfrentava visões distintas a respeito da concepção teórica e metodológica de seus estudos. Para um grupo de geógrafos, a Geografia deveria buscar as relações causais e também a elaboração de leis gerais baseadas nas características da natureza. Já para outro grupo, a Geografia deveria estudar a vida social sob uma perspectiva histórica.

Assim, a Geografia regional foi tomada como a possibilidade de unir essas duas visões, ou seja, estudar as relações entre aspectos físicos e aspectos humanos em determinada área, porém vinculados ao todo terrestre, ou seja, como cada uma dessas áreas se articula com o conjunto terrestre.

A Geografia Lablachiana manteve-se forte na França até a década de 1960, e a partir desse período inicia-se uma fase de renovação com a proposta da Geografia Ativa, capitaneada por Pierre George. Em linhas gerais, pode-se afirmar que a Geografia Ativa continuou a preservar as análises regionais, porém voltadas à finalidade de planejamento e de intervenção

¹⁰ Lencioni (2003) cita vários estudos regionais anteriores à Geografia clássica francesa, como o de Pitágoras, 582 a.C., e, na França, no século XVI, no reinado de Catarina de Médicis.

Nos próximos capítulos, são abordados o trabalho de Pierre George e também a proposta da Geografia Ativa da qual ele fez parte. Contudo, antes que se tenha início essa abordagem, é pertinente nos determos na história do pensamento geográfico em meados do século XX, ou seja, período em que afloraram as principais obras de George.

3.3 A GEOGRAFIA EM MEADOS DO SÉCULO XX

O início do século XX foi marcado pelo abalo nas estruturas dos procedimentos científicos. Para alguns autores, entre eles Moreira (2009), as mudanças nas formas clássicas de representar e compreender o mundo, baseadas na exatidão físico-matemática, entraram em decadência naquele momento histórico.

Claval (2009, p. 27), conjugando dessa mesma ideia, afirma ainda que “as certezas sobre as quais os procedimentos científicos e epistemológicos positivistas repousavam no século XIX ficam abaladas ao começar o século XX [...]”.

Essa crise epistemológica do pensamento científico no início do século passado, fez com que muitas ideias defendidas por filósofos ligados à área da História e Filosofia da Ciência, como Thomas Kuhn, ganhassem destaque naquele momento histórico. Em sua obra *A Estruturas das Revoluções Científicas*, publicada em 1962, Kuhn (1998) explica que as ciências passam, sucessivamente, por períodos de normalidade (ciência normal) seguidos por períodos de crise (revoluções científicas).

O que percebemos é que a Geografia, como ciência, não ficou fora dessa grande crise epistemológica, por isso, em meados do século XX, a Geografia Tradicional passou a apresentar sinais de desgaste. Como afirma Santos (1996, p. 39), “a Geografia não podia escapar às enormes transformações ocorridas em todos os domínios científicos, após a segunda guerra mundial [...]”.

O que podemos confirmar é que os fundamentos clássicos positivistas, até então predominantes no desenvolvimento do pensamento geográfico, passaram a ser criticados por geógrafos que buscavam novos caminhos para essa ciência. Concordamos com Andrade (1987) ao afirmar que os caminhos apontados por muitos desses geógrafos vislumbravam uma maior liberdade de reflexão, de criação e de atuação no meio onde viviam.

Moraes (1997), ao se referir a essa crise epistemológica vivida pela ciência geográfica no século XX, explica que os procedimentos científicos orientados pelo paradigma positivista não davam mais conta de explicar a realidade daquele momento histórico. Para ele, a complexidade que envolvia o avanço do sistema econômico capitalista não podia mais ser explicada pelos postulados positivistas.

De acordo com Moreira (2008), do século XIV ao XIX estrutura-se na Europa Ocidental uma sociedade ancorada no sistema fabril, sobretudo no século XVIII, a sociedade passou a ser centrada na indústria. Os geógrafos neste período, produziam estudos voltados ao espaço produtivo, ou seja, realizavam estudos corológicos procurando contemplar áreas não muito extensas da superfície terrestre. A Geografia, nesse período, pode ser caracterizada como uma ciência essencialmente idiográfica e descritiva, que se limitava a observar, a descrever e a explicar a paisagem.

Entretanto, a realidade do século XX sofreu profundas transformações. Com a passagem do capitalismo para a fase monopolista, a economia deixou de ser centrada na indústria e passou a ser movida por grandes corporações empresariais e por relações comerciais em nível mundial. Verifica-se, assim, uma crise da ciência geográfica, que, acostumada a realizar estudos regionais estruturados no paradigma positivista, passou, então, a necessitar de estudos que tivessem como objeto o espaço mundial globalizado e organizado em rede.

As comunidades locais tendiam a desaparecer, articulando-se a intrincadas redes de relações, próprias da economia mundializada da atualidade. O lugar já não se explica em si mesmo; os centros de decisão das atividades ali desenvolvidas localizavam-se, muitas vezes, a milhares de quilômetros. O espaço terrestre se globalizara nos fluxos e nas relações econômicas. Vivia-se o capitalismo das empresas multinacionais, dos transportes e das comunicações interoceânicas. A realidade local era apenas elo de uma cadeia, que articulava todo o planeta. Isto defasou o instrumental de pesquisa da Geografia, implicando numa crise das técnicas tradicionais de análise (MORAES, 1997, p. 95).

Embora entre os geógrafos fosse comum o reconhecimento de que a Geografia Tradicional estivesse em crise, nem todos trilharam os mesmos caminhos para a renovação epistemológica dessa ciência.

Para Moraes (1997), o que se verificou foi uma grande diversidade de níveis de questionamentos a respeito do conhecimento tradicional, bem como várias propostas de substituição do paradigma positivista.

O movimento de renovação, ao contrário da Geografia Tradicional, não possui uma unidade; representa mesmo uma dispersão, em relação àquela. Tal fato advém da diversidade de métodos de interpretação e de posicionamentos dos autores que o compõem. A busca do novo foi empreendida por variados caminhos [...] (MORAES, 1997, p. 98).

Para Moraes (1997), as grandes vertentes que formaram o movimento de renovação da Geografia podem ser divididas em dois grupos: a Geografia Pragmática e a Geografia Crítica.

A Geografia Pragmática apresentou propostas que não romperam com os fundamentos positivistas da Geografia Tradicional. Seus questionamentos não tratavam da estrutura científica da ciência geográfica, tais propostas restringiram-se ao caráter não prático dos conhecimentos geográficos. Para os geógrafos pragmáticos, os estudos realizados pela Geografia Tradicional estavam voltados ao passado, não promovendo, assim, ideias, propostas ou soluções que pudessem ser aplicadas na realidade vivida.

O segundo grupo de renovação do pensamento geográfico, denominado Geografia Crítica ou Radical, defendia a necessidade de se libertar das amarras do positivismo, criando, para isso, uma Geografia que contribuísse com subsídios para compreender a complexa realidade existente e, sobretudo, capaz de instrumentalizar a sociedade na luta contra as contradições sociais. Mais que isso, que produzisse um saber geográfico utilizado como verdadeira arma no movimento de transformações da realidade.

As primeiras manifestações da Geografia Crítica, ou seja, de um discurso político e crítico, surgiu entre geógrafos pertencentes ao grupo mais progressista da Geografia Regional Francesa. O estudo geográfico produzido por esse grupo recebeu a denominação Geografia Ativa.

Trabalhando cada vez mais a interação entre a economia e a sociedade na organização do espaço geográfico, a Geografia Francesa mostrou os primeiros passos de um pensamento geográfico mais crítico. Pierre George (1909-

2006) foi um dos geógrafos franceses que pertenceu a esse grupo de vanguarda da Geografia Francesa.

De acordo com Andrade (1987) e Moraes (1997), Pierre George, em seus livros, politizou o pensamento geográfico, ao trazer para o cerne do discurso geográfico discussões até então esquecidas ou isoladas pela Geografia Tradicional. Por isso, Pierre George foi conhecido por produzir uma “Geografia da denúncia” (MORAES, 1997, p. 118).

Embora seja citado por vários autores como um importante geógrafo para a evolução do pensamento geográfico, Pierre George, até os dias de hoje, não se tornou objeto de muitos estudos de análises epistemológicas.

Para compreendermos melhor a importância dos trabalhos de Pierre George, consideramos relevante tecermos alguns comentários a respeito do cenário político e econômico mundial existente em meados do século XX, período em que o geógrafo produziu grande parte de seus trabalhos.

Entendemos que, em suas obras, de modo geral, Pierre George envolve questões políticas e econômicas latentes no período em que foi produzida, como o capitalismo, o socialismo, o subdesenvolvimento, entre outros.

No próximo item, é abordado o contexto histórico em que as obras de Pierre George foram publicadas.

3.4 O CONTEXTO HISTÓRICO DAS PUBLICAÇÕES DE PIERRE GEORGE

Grande parte das obras de Pierre George analisadas nesta pesquisa abordam determinado tema caracterizando-o em face dos dois sistemas políticos e econômicos predominantes no século XX, ou seja, o capitalismo e o socialismo.

Por exemplo, ao abordar as diversas formas de atividades econômicas praticadas pelo ser humano nas obras *Geografia Econômica* (1973) e *Populações Ativas* (1979), Pierre George apresenta uma caracterização de atividades, como a agricultura e a indústria, contextualizada tanto em países capitalistas desenvolvidos e subdesenvolvidos quanto em países socialistas.

O mesmo acontece ao tratar do tema população. O geógrafo destaca a dinâmica populacional existentes em países capitalistas e em países socialistas.

Acreditamos que essa recorrência em discutir temas geográficos envolvendo o capitalismo e o socialismo deve-se ao contexto histórico em que Pierre George vivia ao publicar a maior parte de suas obras, no período entre as décadas de 1940 e 1970. Esse período histórico foi marcado pela oposição política, econômica e ideológica internacional entre o capitalismo e o socialismo.

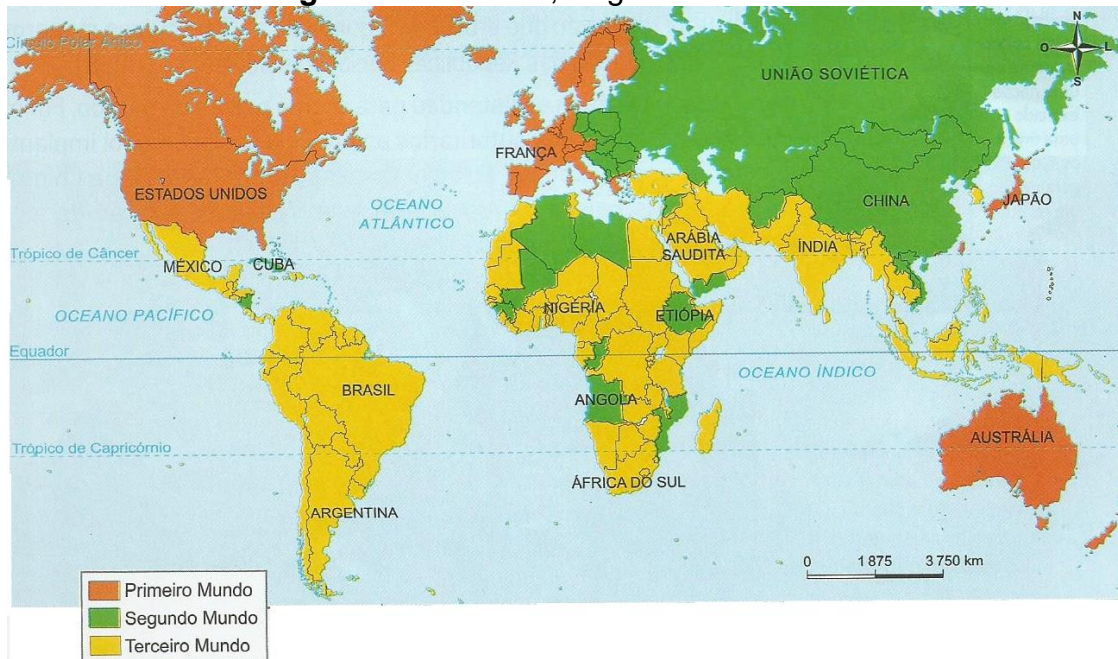
O sistema econômico socialista foi implantado na Rússia, em 1917, por meio de uma revolução que derrubou a monarquia, antigo sistema de governo. Com a implantação do socialismo, criou-se, em 1922, a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), formada por vários territórios nacionais, entre eles, Rússia, Ucrânia, Uzbequistão, Geórgia e Armênia.

Além da URSS, outros países do mundo se alinharam ao socialismo, entre eles, China e Cuba.

Para Hobsbawm (1995), após a Segunda Guerra Mundial, o mundo passou a viver o confronto velado entre o capitalismo e o socialismo; esse confronto passou a ser chamado de Guerra Fria.

A peculiaridade da Guerra Fria era a de que, em termos objetivos, não existia perigo iminente de guerra mundial. Mais que isso: apesar da retórica apocalíptica de ambos os lados, mas sobretudo do lado americano, os governos das duas superpotências aceitaram a distribuição global de forças no fim da Segunda Guerra Mundial, que equivalia a um equilíbrio de poder desigual mas não contestando em sua essência. A URSS controlava uma parte do globo, ou sobre ela exercia predominante influência – a zona ocupada pelo Exército Vermelho e/ou outras Forças Armadas comunistas no término da guerra – e não tentava ampliá-la com o uso de força militar. Os EUA exerciam controle e predominância sobre o resto do mundo capitalista, além do hemisfério norte e oceanos, assumindo o que restava da velha hegemonia imperial das antigas potências coloniais. Em troca, não intervinha na zona aceita de hegemonia soviética (HOBSBAWM, 1995, p. 224).

Durante o período histórico em que a Guerra Fria dominou o cenário político-econômico mundial, costumou-se utilizar a regionalização do espaço mundial baseada em Primeiro Mundo, Segundo Mundo e Terceiro Mundo. (Figura 1)

Figura 1 – Primeiro, Segundo e Terceiro mundo

Fonte: elaborada pela autora, adaptada de Magnoli (1998).

O Primeiro Mundo referia-se aos países capitalistas de economia desenvolvida. O Segundo Mundo era formado por países socialistas. Já o Terceiro Mundo¹¹ era composto por países capitalistas de economia subdesenvolvida.

Após cerca de 70 anos da implantação do socialismo na URSS, o sistema econômico passou a entrar em crise, apresentando, sobretudo, um grande atraso tecnológico nas atividades econômicas, como a indústria e a agricultura. Além disso, a reduzida liberdade política da população gerou uma série de descontentamentos que culminaram com a queda do socialismo na maior parte do mundo.

O fim da URSS deu origem a 15 países, sendo que 12 deles formaram a Comunidade dos Estados Independentes (CEI). (Figura 2)

¹¹ De acordo com Roland Pourtier (2008), a expressão Terceiro Mundo foi criada pelo economista francês Alfred Sauvy, na década de 1950.

Figura 2 – Comunidade dos Estados Independentes (CEI)



Fonte: elaborada pela autora, adaptada de IBGE (2007).

Entendemos que uma análise geográfica sobre a organização do espaço geográfico deve considerar temas, como meio natural, atividades econômicas, trabalho e questões populacionais, interligados ao sistema econômico vigente. Diante disso, compreendemos porque em grande parte das obras de Pierre George há uma contextualização dos temas em face dos dois maiores sistemas econômicos do século XX.

4 PIERRE GEORGE E A GEOGRAFIA LABLACHIANA

Pierre George nasceu em Paris, no ano de 1909 e faleceu em Chatenay-Malabry, em 2006. De acordo com a L'Académie des Sciences Morales et Politiques, Pierre George lecionou Geografia e História em várias escolas francesas, como Montpellier (1935- 1936), Carlos Magno (1936-1941) e Lakanal (1941-1946). Foi docente na Universidade de Lille (1946-1948) e depois na Sorbonne (1948-1977). Durante sua vida profissional ocupou cargos de destaque, como a direção do Instituto de Demografia da Universidade de Paris (1973-1977) e membro da Comissão Técnica do Instituto Nacional de Estudos Demográficos (1945-1975).

George desenvolveu uma carreira no exterior onde ministrou vários cursos em países, como Tunísia (1961, 1963, 1964), Brasil (1962, 1968), Canadá (1967, 1973, 1975) e México (1978, 1980, 1982, 1984).

O envolvimento com questões políticas da década de 1930 refletiu no ingresso de Pierre George no Partido Comunista Francês em 1936. Seu interesse pelo socialismo e, conseqüentemente, a União Soviética, estimulou a produção da obra *Economia da URSS*, em 1945, considerado por Michel Rochefort (2008), seu primeiro livro importante. Decepcionado com a invasão da Hungria pela União Soviética, Pierre George abandonou o partido, porém, nunca deixou de publicar obras voltadas para questões sociais e econômicas do mundo.

Ao longo de sua trajetória profissional, Pierre George publicou diversas obras que procurou envolver relações sociais, estruturas produtivas e temas geográficos, como questão agrária, urbana, industrial e populacional.

Em 1965 publicou, junto com mais três geógrafos, uma de suas maiores obras, *Geografia Ativa*, onde apresentou a importância do papel dos geógrafos na elaboração de sínteses regionais para melhor orientar o planejamento regional.

O quadro a seguir apresenta as obras publicadas por Pierre George ao longo de sua trajetória profissional.

Quadro 2 – Obras publicada por Pierre George

- 1935 - *La Région du Bas-Rhône, étude de géographie régionale* (thèse).
- 1935 - *Trois rivières de Bocage* (en collaboration).
- 1936 - *La Forêt de Bercé* (thèse complémentaire).
- 1938 - *Etudes géographiques sur le Bas-Languedoc*.
- 1938 - *Géographie économique et sociale de la France*.
- 1941 - *Les Pays de la Saône et du Rhône*.
- 1942 - *Géographie des Alpes*.
- 1945 - *Géographie sociale du monde*.
- 1945 - *L'économie de l'URSS*.
- 1946 - *L'économie des États-Unis*.
- 1946 - *Géographie agricole du monde*.
- 1946 - *Les régions polaires*.
- 1947 - *Le problème allemand en Tchécoslovaquie*.
- 1947 - *Géographie industrielle du monde*.
- 1947 - *L'URSS*.
- 1947 - *Problèmes de la paix* (en collaboration).
- 1949 - *L'économie de l'Europe centrale, slave et danubienne*.
- 1950 - *Géographie de l'énergie*.
- 1951 - *Introduction à l'étude géographique de la population du monde*.
- 1952 - *La Ville, le fait urbain à travers le monde*.
- 1952 - *Les Grands Marchés du monde*.
- 1954 - *L'Europe centrale*, 2 volumes (en collaboration).
- 1956 - *La Campagne. Le fait rural à travers le monde*.
- 1956 - *Précis de géographie économique*.
- 1959 - *Questions de géographie de la population*.
- 1959 - *La Région parisienne* (en collaboration).
- 1961 - *Précis de géographie urbaine*.
- 1963 - *Géographie de la consommation*.
- 1963 - *Géographie de l'URSS*.
- 1963 - *Précis de géographie rurale*.
- 1963 - *Panorama du monde actuel*.
- 1964 - *Géographie de l'Europe centrale slave et danubienne*.
- 1964 - *Géographie active* (en collaboration).
- 1964 - *L'Europe des marchands et des navigateurs* (en collaboration).
- 1965 - *Géographie de la population*.
- 1965 - *Géographie de l'Italie*.
- 1966 - *Sociologie et géographie*.
- 1967 - *La France*.
- 1967 - *Belgique, Pays-Bas, Luxembourg* (en collaboration).
- 1967 - *Les Républiques socialistes d'Europe centrale* (en collaboration).
- 1968 - *L'Action humaine*.
- 1969 - *Population et peuplement*.
- 1970 - *Les Méthodes de la géographie*.
- 1970 - *Dictionnaire de la géographie* (en collaboration).
- 1971 - *Géographie des États-Unis*.
- 1971 - *L'environnement*.
- 1973 - *Géographie de l'électricité*.
- 1974 - *L'ère des techniques: constructions ou destructions ?*
- 1976 - *Les Migrations internationales de populations*.
- 1978 - *Les Populations actives : essai sur la géographie du travail*.
- 1979 - *Le Québec*.
- 1980 - *Société en mutation*.
- 1981 - *Géographie des inégalités*.

- 1982 - *Fin de siècle en Occident; déclin ou métamorphose ?*
- 1984 - *Géopolitique des minorités.*
- 1986 - *L'Immigration en France.*
- 1989 - *La Terre et les hommes, atelier des géographes.*
- 1989 - *Avignon, une ville du passé et du présent.*
- 1990 - *Le Métier de géographe : un demi-siècle de géographie.*
- 1992 - *La Géographie à la poursuite de l'histoire.*
- 1994 - *Chronique géographique du XXe siècle.*
- 1995 - *Le Temps des collines.*

Fonte: *L'Académie des Sciences morales et politiques.* Disponíveis em: <http://www.asmp.fr/fiches_academiciens/decede/george_carriere.htm>. Acesso em: 20 jul. 2015.

Para vários geógrafos,¹² Pierre George foi um grande expoente da Geografia francesa do século XX, no período que denominamos Geografia Moderna.

De acordo com Moraes (1997), Andrade (1987) e Rochefort (2008), Pierre George foi um geógrafo pertencente à escola clássica de Geografia francesa e teve como um de seus maiores mestres Paul Vidal de La Blache. No entanto, conforme veremos ao longo deste texto, embora George pertencesse à escola francesa de Geografia, sua obra apresentou algumas características que a diferenciaram da Geografia Lablachiana.

Rochefort (2008) afirma que os primeiros estudos de Pierre George seguiram as tendências da Geografia clássica francesa. Sua primeira publicação sobre a região Bas-Rhone (Baixo-Ródano), em 1935, por exemplo, descreve com detalhes o quadro natural da região, procedimento muito comum nos estudos regionais tradicionais franceses.

No entanto, com o decorrer do tempo, as publicações de Pierre George passam a apresentar mudanças em relação à Geografia Lablachiana. Uma dessas diferenças foi a discussão de temas até pouco discutidos pela Geografia Tradicional, como o meio urbano, as desigualdades sociais, os diferentes desenvolvimentos econômicos, entre outros. A inserção de temas como esses no temário de estudos da Geografia buscava identificar os processos sociais e econômicos que interferiam na organização do espaço geográfico. Na perspectiva de Moraes (1997, p. 117), essa prática vai proporcionar “uma discussão mais política na análise geográfica”.

¹² Andrade (1987), Moraes (1997), Moreira (2008) e Rochefort (2008).

De acordo com Michel Rochefort (2008), foi após o ingresso de Pierre George, em 1936, no Partido Comunista que suas publicações passaram a apresentar maior carga política e social, além de severas críticas à Geografia Pragmática. Para Rochefort, as obras *Geografia Social da França*, de 1938, e *Geografia Social do Mundo*, de 1946, são exemplos dessas mudanças.

No período entre as décadas de 1940 e 1970, Pierre George publicou dezenas de livros, e, nessas obras, passou a discutir o papel das relações socioeconômicas e a sua evolução na construção dos espaços.

Como vimos no item anterior, as publicações de Pierre George estiveram inseridas no movimento de renovação da Geografia Clássica. Nesse período, muitos geógrafos passaram a refletir a respeito do temário discutido pela ciência geográfica até aquele momento, e, a partir dessas reflexões, muitos deles, como Pierre George, Bernard Kayser e Yves Lacoste, começaram a publicar obras que discutiam com maior profundidade temas ligados às cidades, à indústria, ao consumo e às desigualdades sociais.

Manuel Correia de Andrade (1987, p. 96), ao se referir às publicações geográficas desse período, afirma que muitos geógrafos

Viram [...] que estava ultrapassada aquela ideia muito difundida nos meios geográficos de dar maior importância à geografia agrária, ao campo, por estar a agricultura mais dependente das condições naturais do que a indústria e os serviços. Os estudos de Geografia Urbana e de Geografia Econômica intensificaram-se, ganharam importância, e a agricultura passou a ser encarada não mais como um gênero de vida, mas como uma atividade profissional.

Esse movimento de renovação da Geografia pode ser percebido, por exemplo, ao analisarmos a obra *Geografia Econômica* (1973, [1956]),¹³ de Pierre George. Nessa obra, o geógrafo, além de apresentar a existência de diferentes sistemas políticos (capitalismo e socialismo) no globo, procura mostrar que a atividade industrial é o principal setor da economia moderna. Para atingir seu objetivo, Pierre George deixa de privilegiar o estudo da agricultura frente às outras atividades econômicas, como normalmente ocorria na Geografia Tradicional, para apresentar um estudo detalhado sobre a atividade industrial.

¹³ Os anos apresentados entre colchetes nesta e nas demais páginas desta pesquisa referem-se à primeira edição da obra citada.

Manuel Correia de Andrade (1987) aponta várias outras renovações nos estudos geográficos realizadas por Pierre George, entre elas, o seu tratamento para o tema população. Para Andrade, Pierre George ao estudar a Geografia da população, não se ateve apenas à descrição da distribuição espacial das sociedades pela superfície terrestre, mas também a outras questões, como a estrutura da população por idade e sexo e, principalmente, com a participação da população em atividades produtivas e consumidoras.

Na obra *Geografia da População* (1969b [1965]), por exemplo, embora Pierre George descreva primeiro a distribuição da população relacionando-a aos fatores naturais da Terra, mais adiante, na mesma obra, ele vai além e apresenta a distribuição voltada às características do povoamento em países industrializados e em países subdesenvolvidos.

Ao abordar em suas obras temas como subnutrição, miséria e desigualdades sociais, muitos geógrafos passaram a chamar a geografia produzida por Pierre George de Geografia da denúncia. Isso porque, em suas obras, o geógrafo apresentava os contrastes socioeconômicos existentes entre as sociedades humanas. Desse modo, com a inserção desses temas nos estudos realizados por Pierre George, podemos afirmar que surge, no século XX, a proposta de uma nova Geografia Regional.

Assim como Vidal de La Blache, Pierre George também defendia a ideia de que o principal objetivo da Geografia era produzir sínteses descritivas regionais. No entanto, Paul Vidal de La Blache, ao exemplo de sua obra *Princípios de Geografia Humana* (1921), esteve voltado, sobretudo, à identificação de diferentes gêneros de vida e à distribuição das sociedades pela superfície terrestre. Já Pierre George pretendia apresentar em suas sínteses uma análise que envolvia aspectos socioeconômicos e políticos das sociedades, bem como suas relações com o espaço em que habitavam. Esse objetivo é muito perceptível na obra *Populações Ativas* (1979, [1978]), na qual George explica que o geógrafo deve, com base em suas análises e em suas sínteses, caracterizar cada porção de espaço, ou seja, as regiões.

Assim, Pierre George apresenta, nessa obra, várias análises a respeito das diversas formas de trabalho praticado pelas sociedades humanas e, depois, sínteses regionais, com forte peso nas características socioeconômicas de

regiões subdesenvolvidas, como Maghreb¹⁴ e Ásia e países desenvolvidos, entre eles, Estados Unidos, França e URSS.

Lencioni (2003) explica que os estudos regionais lablachianos buscavam reconhecer unidades geográficas pela superfície do globo por meio da relação entre aspectos físicos e humanos, identificando então a existência de diversos gêneros de vida. Já Pierre George, procurava no estudo regional, o reconhecimento da organização espacial, e, a partir dele, buscava intervir em atividades de planejamento e gestão territorial. Conforme nos afirma Lencioni (2003, p. 108), “[...] a região foi discutida pela perspectiva do desenvolvimento desigual e se colocou como objeto de intervenção da ação do homem [...]”.

O texto a seguir é um exemplo de crítica realizada pelos autores da obra *Geografia Ativa*, da qual Pierre George fazia parte, a respeito da divisão regional realizada pelos estudos tradicionais.

Durante muito tempo, as observações geográficas, principalmente orientadas então sobre o estudo do meio e dos tipos de vida, filiaram-se utilmente aos quadros de uma divisão zonal do globo: países temperados, zona árida, países tropicais... Hoje, esta classificação perdeu a maior parte de sua eficácia em razão da própria evolução acelerada do conjunto do mundo: os tipos de vida, conjuntos de adaptações coerentes aos dados naturais, romperam-se sob as pressões da civilização “moderna” expandida sobre toda a superfície do globo pelo efeito de um gigantesco efeito relacional. [...] Os dados naturais, em razão de sua diferenciação, constituem ainda quadros importantes, mas não podem mais servir de base, hoje, às demarcações geográficas primordiais (GEORGE *et al.*, 1980 [1964], p. 44).

No próximo item, será abordada a proposta de estudo regional apresentado por Pierre George e mais outros geógrafos na obra *A Geografia Ativa* (1980).

É muito importante destacar que, embora Pierre George tenha inserido em suas análises temas até então não abordados pela Geografia Tradicional Lablachiana, apresentando uma visão diferente de síntese regional, isso não significa que o geógrafo perdeu seus vínculos metodológicos com a Geografia Francesa, da qual fazia parte.

¹⁴ Região Noroeste da África.

Nas obras do autor que selecionamos, pudemos confirmar que é evidente o uso da descrição detalhada e, principalmente, do método indutivo-empírico em seus trabalhos. O trecho a seguir evidencia o tom descritivo de Pierre George ao retratar a localização de Paris:

Ela se caracteriza sobretudo por uma linha de cruzamento ligeiramente inclinada em relação às coordenadas terrestres: norte-nordeste, sul-sudoeste, o vale do rio Oise que é a via de contato com as planícies da Europa do Norte pelos vales do Sambre, do Mosa e a Renânia. Estende-se ao Sul do Sena por estradas de terra que sobem o planalto de Beauce por depressões que sempre facilitaram a circulação (vales do Hurepoix) em direção a Chartres, Tours ou Orléans, com acesso para as regiões do oeste e do sudoeste pelos vales do Loire e dos pequenos rios do Maine [...] (GEORGE, 1983 [1961], p. 40).

Consciente da crise epistemológica pela qual passava o pensamento geográfico no século XX, Pierre George acompanhado por mais três geógrafos, publicaram em 1964, *A Geografia Ativa*; e George, em 1970, *Os Métodos da Geografia*, em que se dedicou a explicar, entre outros temas, sua concepção a respeito da ciência geográfica, o objeto de estudo desta ciência, o papel do geógrafo nas pesquisas geográficas e ainda os métodos de pesquisa adotados pela Geografia. Essas duas obras se tornaram verdadeiros manuais de estudos geográficos, e, para muitos geógrafos, como Antônio Carlos Robert Moraes (1997) e Manuel Correia de Andrade (1987), a obra *A Geografia Ativa* foi considerada uma proposta de renovação em face da Geografia Tradicional.

O item próximo aborda a Geografia Ativa, obra proposta e apresentada por Pierre George e outros geógrafos.

4.1 A GEOGRAFIA ATIVA DE PIERRE GEORGE

Conforme vimos no capítulo anterior, as primeiras manifestações da Geografia Crítica, ou seja, de um discurso político e crítico, surgiu entre geógrafos pertencentes da Geografia Regional Francesa. Trabalhando cada vez mais a interação entre a economia e a sociedade na organização do espaço geográfico, a Geografia Francesa mostrou os primeiros passos de um pensamento geográfico mais crítico na proposta que recebeu o nome de Geografia Ativa.

Andrade (1987) confirma a colocação de Moraes (1997) dizendo que a obra *Geografia Ativa*, escrita por Pierre George e mais três geógrafos franceses, Raymond Guglielmo, Bernard Kayser e Yves Lacoste, foi um exemplo de posicionamento de geógrafos que buscavam novos caminhos para a explicação geográfica.

Para Moraes (1997), a *Geografia Ativa*, apresentada na obra de mesmo nome, marcou a história do pensamento geográfico, pois foi a primeira manifestação clara do movimento de renovação crítica do pensamento geográfico no século XX.

A corrente *Geografia Ativa* estava estruturada na ideia de organização do espaço a partir da região. Nessa perspectiva, a região tornou-se um objeto de intervenção da sociedade. Lencioni (2003, p. 141) explica que, para seus idealizadores, “[...] poderia ser possível, por meio de intervenções a partir do planejamento urbano e regional; ou seja, por meio de estratégias de organização do espaço, alcançar um certo crescimento harmonioso do espaço”.

Para a *Geografia Ativa*, as regiões são definidas a partir de fluxos espaciais. De acordo com essa perspectiva, uma região corresponde a área de influência de uma cidade. Lencioni (2003) explica que essa concepção de região se deve em razão da existência de uma sociedade cada vez mais urbana e metropolitana.

A análise da sociedade, cada vez mais urbana e metropolitana, traduziu-se na ideia do espaço como um campo de ação de fluxos. Entendiam que esses fluxos, ao confluírem para uma determinada cidade, acabavam transformando-a no polo regional. Como consequência, os geógrafos, vinculados à perspectiva da *Geografia Ativa*, consideravam que a região se define pela dinâmica dos fluxos espaciais. Nesse sentido, a região se coloca como uma área sob o raio de ação de uma cidade (LENCIONI, 2003, p. 141).

Podemos confirmar essa ideia de região no trecho a seguir extraído da obra *Geografia Ativa*.

O único espaço admissível, em termos de uma definição da região é portanto o espaço polarizado: a região é um espaço polarizado. [...] Para os geógrafos, o polo, ou o centro, é antes de mais nada um organismo concreto: uma cidade. O espaço polarizado que se

organiza em torno de uma cidade é a região (GEORGE *et al.*, 1980 [1964], p. 282-283).

Desse modo, as sínteses regionais, que na Geografia Lablachiana estiveram voltadas às características naturais e humanas das regiões, na Geografia Ativa vão além e se voltam também à organização dos espaços. É em razão dessa mudança que Lencioni (2003) afirma que os estudos regionais da Geografia Ativa passaram a analisar aspectos, como funções regionais, hierarquia dos lugares, concentração espacial das atividades econômicas, divisão do trabalho, entre outros.

A respeito da questão dos estudos regionais, a Geografia Ativa tece importante crítica à concepção de região de La Blache. Para Pierre George, Paul Vidal de La Blache adotava critérios de regionalização que privilegiavam aspectos naturais da superfície terrestre, como zonas temperadas, zonas áridas, países tropicais, entre outros. No entanto, na obra *Geografia Ativa*, os autores deixam claro que esse critério de regionalização não condiz com o momento histórico em que viviam. Para Yves Lacoste, “[...] hoje, esta classificação perdeu a maior parte de sua eficácia em razão da própria evolução acelerada do conjunto mundo [...]” (GEORGE *et al.*, 1980 [1964], p. 44).

Além disso, o estudo regional produzido por La Blache tinha o objetivo de desvendar diferentes gêneros de vida existentes na superfície terrestre. De acordo com a Geografia Ativa, esses estudos, naquele momento, não tinham propósito algum, pois as diferentes regiões do mundo encontravam-se cada vez mais inter-relacionadas pelos meios de transporte e de comunicação. Esse fato propiciava constante troca de conhecimentos técnicos, de cultura, ou seja, transformação no modo de vida das pessoas, e isso dificulta definirmos um gênero de vida com características individuais.

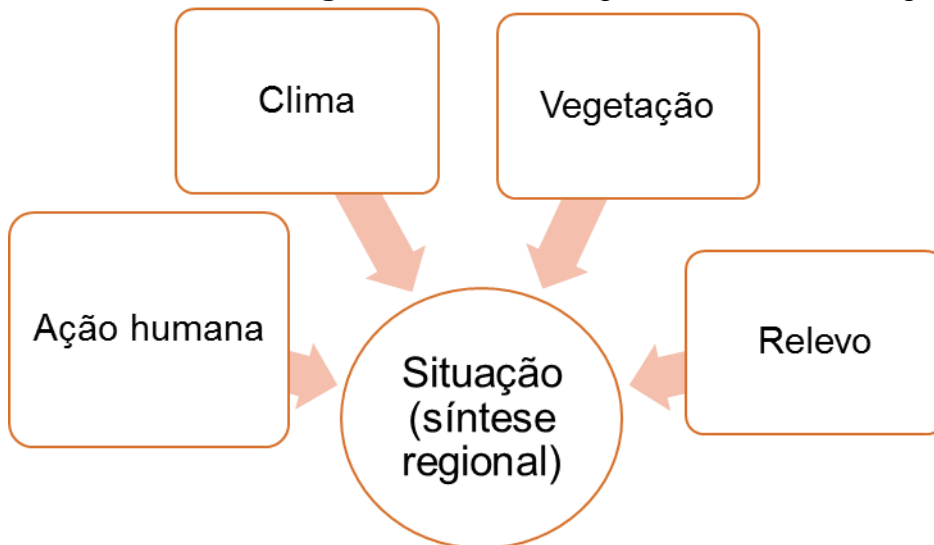
Esse dinamismo regional causa certa falência nos métodos de estudos lablachianos.

Em razão da evolução do mundo, a noção de tipo de vida, autêntica, deve pois ser considerada como uma realidade histórica, herança de um passado mais ou menos próximos; dela só subsistem hoje vestígios esparsos, transformados, misturados sem harmonia a elementos novos (GEORGE *et al.*, 1980 [1964], p. 44).

A proposta de estudos regionais apresentada em *Geografia Ativa*, consiste em conhecer diferentes situações. Por situação, Pierre George chama o resultado momentâneo da relação entre ações humanas e meio natural presentes em determinada região.

O esquema a seguir representa essa ideia.

Figura 3 – Síntese regional de Pierre George



Fonte: elaborada pela autora.

Em razão do dinamismo da ação humana e do meio natural, a situação se encontra em constante transformação; e, conseqüentemente, a região, em permanente mudança. Daí a ideia de que o estudo do modo de vida é impróprio naquele momento para a Geografia.

Conforme observa-se no esquema, o resultado final do estudo é a síntese geográfica. Pierre George explica que essa síntese pode ser utilizada como fonte de informações por parte de administradores e de governos no planejamento de programas que busquem um crescimento organizado dos espaços. No entanto, como já afirmamos anteriormente, o geógrafo deixa muito claro que jamais deve ser o geógrafo o responsável por executar planos de ação, pois isso resultaria em uma Geografia utilitária.¹⁵ Caberia à especialistas técnicos executar planos de ações elaborados por equipes de geógrafos.

¹⁵ Geografia utilitária corresponde ao termo empregado por Pierre George para se referir aos estudos geográficos voltados à ação, e não ao planejamento.

Para Pierre George, o geógrafo deve buscar elaborar sínteses regionais que envolvam temas como:

[...] balanço geográfico do subdesenvolvimento ou mais exatamente dos subdesenvolvimentos, [...] compreensão do desigual desenvolvimento dos setores industrial e agrícola, [...] condições e formas geográficas do desenvolvimento urbano, formação e deformação das regiões [...] (GEORGE *et al.*, 1980 [1964], p. 36).

Embora os geógrafos pertencentes à corrente da Geografia Ativa defendessem uma Geografia fortemente ligada ao planejamento, isso não significa que eles apoiassem a ideia de que a execução desse planejamento fosse realizada por geógrafos. Pierre George é muito enfático ao explicar que a execução do planejamento produzido pela Geografia deve ficar sob responsabilidade de técnicos.

Para Pierre George, caso os geógrafos executassem seus planejamentos, a Geografia se tornaria utilitária, e não Ativa. Na obra *A Geografia Ativa*, os autores esclarecem várias questões epistemológicas que envolvem essa proposta, como objeto de estudo, procedimentos de estudo, papel do geógrafo, entre outros.

No início da obra, é apresentada uma crítica severa à vertente pragmática da Geografia, denominada Geografia Utilitária. Para seus autores, sobretudo para Pierre George, a existência de uma Geografia Pragmática faria com que os geógrafos deixassem de ser humanistas e se tornassem especialistas.

Na sequência da obra, George aborda a existência de duas orientações de pesquisas geográficas no início do século XX: a primeira orientação envolve uma Geografia Explicativa, e a segunda seria constituída por uma Geografia essencialmente utilitária.

Para o geógrafo, a orientação utilitária tem como principal objetivo produzir verdadeiros inventários sobre recursos ou potenciais de regiões do mundo que alimentariam ações de planejamento. Já a orientação explicativa, também chamada de científica, trabalha a inter-relação existente entre elementos físicos da natureza e, também, a interdependência entre esses elementos e a ação humana. A partir do estudo dessas relações, o geógrafo elabora a sua síntese geográfica. Ao descrever essas duas correntes de pesquisas geográficas, Pierre George reconhece

a Geografia Ativa como uma proposta ligada à orientação de uma Geografia Explicativa.

A dualidade entre uma geografia estritamente explicativa, defendendo-se de todo compromisso utilitário, e uma geografia prática posta a serviço da posse do território pelos aparelhos militares, políticos, econômicos, aparece pois desde o princípio. [...] A geografia científica, que não cessou de progredir na análise das relações entre fatos naturais e entre estes e a evolução histórica, entre patrimônios e meio de produção ou necessidades de produção atuais, tem seguido um desenvolvimento contínuo, que se concretiza por um grande número de trabalhos científicos, em primeiro lugar teses tratando seja de balanços regionais, seja de questões de ordem geral.

Ao contrário, as diversas formas de geografia aplicada se revelaram na maior parte efêmeras, não durando além do que duraram suas razões de ser (GEORGE *et al.*, 1980 [1964], p. 12).

Manuel Correia de Andrade (1987, p. 98) explica muito bem essa crítica realizada por Pierre George e por vários outros geógrafos.

A participação no planejamento levou-os [geógrafos] à convivência com outros especialistas e a tomar conhecimento de novas preocupações, de novas metas a atingir e dos métodos que conduziam às mesmas. Esta abertura, porém, trazia novos compromissos: chamava-se o geógrafo não para realizar trabalhos de coordenação e síntese a que estava habilitado – estes lugares estavam ocupados por engenheiros e economistas –, mas para realizar trabalhos complementares com estudos específicos, de solos, de climas, de interpretação de fotografias aéreas [...] para elaboração de mapas temáticos. Com isso, o geógrafo ia transformando-se de humanistas em especialista, ia deixando a síntese pela análise, o que, na opinião de alguns mestres, ameaçava afastá-lo de sua profissão para se dedicar ao trabalho em áreas restritas [...].

Depois de esclarecer a diferença entre as duas orientações de pesquisas geográficas, Pierre George se preocupa em definir o objeto de estudo da Geografia e os métodos dessa ciência.

Para George, o espaço terrestre, onde se delimitam as regiões, constitui o objeto de estudo da Geografia. É nesse espaço que o ser humano encontra as condições naturais necessárias para construir seu meio de vida.

Partindo dessa ideia, o geógrafo explica que, embora a Geografia seja uma ciência que estuda o espaço, cabe às ciências da natureza (Biologia,

Geologia, Climatologia, entre outras) o estudo das características naturais do espaço terrestre e às ciências humanas (História, Sociologia, Economia, entre outras) o estudo dos aspectos que envolvem as sociedades. À Geografia, ficaria a incumbência de elaborar sínteses com as informações obtidas dessas ciências associadas, ou seja, ciências físicas e ciências humanas.

[A geografia] Deixa às ciências da natureza o estudo físico da matéria, a sistemática e a biologia dos organismos vivos, na medida em que esses estudos têm por objetivo o conhecimento estrito da matéria, das plantas e dos animais. Reserva-se, ao contrário, o esclarecimento e a interpretação de todas as relações que contribuem para a constituição de um complexo ou de um equilíbrio entre a dinâmica e a inércia de um meio, a dinâmica ou a inércia das coletividades humanas que residem neste meio, ou que aí aplicam suas iniciativas (GEORGE *et al.*, 1980 [1964], p. 12).

Pierre George apresenta seis pontos relacionados à epistemologia do pensamento geográfico que um geógrafo deve ter muito bem esclarecido em seus estudos:

1 – A Geografia é uma ciência humana (GEORGE *et al.*, 1980 [1964], p. 15)

No primeiro tópico apresentado, Pierre George defende a ideia de que, embora o espaço terrestre seja o objeto dos estudos geográficos, a Geografia é uma ciência humana, pois o espaço constitui a base para a vida humana, ou seja, é nele que as sociedades se relacionam entre si e constroem o que necessitam para viver.

A definição de que a Geografia seja uma ciência que estuda o espaço é uma questão muito discutida por geógrafos, como Moraes (1997) e Santos (1996). Para ambos, essa definição é um tanto problemática, pois a própria definição do que seja espaço ainda causa muita polêmica. De acordo com Moraes (1997, p. 17), definir o espaço é uma “questão polêmica, ao nível da própria filosofia”. Milton Santos (1996, p. 120-121) confirma esse ponto de vista ao afirmar que,

Objeto da preocupação dos filósofos desde Platão e Aristóteles, a noção de espaço, todavia, cobre uma variedade tão ampla de objetos e significações – os utensílios comuns à vida doméstica, como um cinzeiro, um bule, são espaços; uma estátua ou uma escultura, qualquer que seja a sua dimensão, são espaços; uma casa é

espaço, como uma cidade também o é. Há o espaço de uma nação – sinônimo de território, de Estado; há o espaço terrestre [...] e há, igualmente, o espaço extra-terrestre [...].

Embora Pierre George afirme no primeiro tópico que o espaço estudado pela Geografia seja o espaço terrestre, isso não resolve a questão polêmica da definição dessa categoria. Ao contrário, faz surgir outra questão não menos problemática, isto é, a de atribuir à Geografia a responsabilidade de estudar a superfície terrestre. Moraes (1997, p. 17) aborda essa questão ao dizer que

O espaço também pode ser concebido como um atributo dos seres, no sentido de que nada existiria sem ocupar um determinado espaço. Nesta concepção, o estudo do atributo espacial de qualquer fenômeno dar-se-ia na própria análise sistemática deste. Assim, não seria possível propô-lo como um estudo particular, logo, como objeto da Geografia.

Nesse ponto de vista, reconhecendo que o espaço terrestre, nesse caso, entendido como superfície terrestre, seja a base da vida de todos os seres e o *locus* de grande parte dos fenômenos existentes, como uma única ciência, no caso, a Geografia, teria esse espaço como objeto de estudo?

Entendemos que não cabe à Geografia o estudo do espaço enquanto superfície do planeta. Em nosso ponto de vista, essa ideia traz consigo a prática de estudos descritivos tradicionais de diferentes regiões da superfície terrestre, os quais são reconhecidos como estudos geográficos.

Concordamos com Santos (1996) ao afirmar que a única possibilidade de aceitarmos o espaço como objeto de estudos geográficos é compreendê-lo não apenas como base física para a ação humana, mas como a associação das interações entre objetos construídos pelas sociedades (objetos geográficos), pela natureza (objetos naturais) e pela sociedade (objetos sociais). De acordo com esse ponto de vista, o espaço é dinâmico, ou seja, está em constante transformação.

Desse modo, reconhecer o espaço como objeto de estudo da Geografia é muito polêmico na epistemologia da Geografia, e não conseguiríamos, aqui, esgotar essa discussão.

2 – A Geografia é uma ciência do espaço, mas seus métodos são diferentes daqueles das ciências naturais do espaço (GEORGE *et al.*, 1980 [1964], p. 16)

Quanto à questão dos métodos utilizados pela Geografia, Pierre George defende que o geógrafo, buscando elaborar sínteses a respeito de determinada região, utiliza os conhecimentos necessários elaborados pelas ciências naturais, às vezes até mesmo seus próprios métodos, porém, adaptando-os às suas necessidades. Dessa forma, o conhecimento das outras ciências é o ponto de partida para a Geografia, e não o resultado de sua pesquisa.

Assim, para George, a Geografia é uma ciência de síntese, pois ela estabelece relações entre os conhecimentos de várias ciências para conseguir atingir a sua síntese regional.

A ideia apresentada por George do uso de métodos múltiplos pela Geografia não deixa de ser menos polêmica do que a questão da definição do espaço.

De acordo com Milton Santos (1996), a generalização de métodos utilizados pela Geografia está relacionada ao entendimento de muitos geógrafos de que a ciência geográfica é uma ciência de síntese. Para Santos (1996, p. 97-98), esse entendimento retrata a pretensão dos geógrafos.

Desde que a geografia começou a busca de sua individualização como ciência, os geógrafos tiveram a pretensão de que ela fosse, antes de tudo, uma ciência de síntese, isto é, capaz de interpretar os fenômenos que ocorrem sobre a face da terra, com a ajuda de um instrumental proveniente de uma multiplicidade de ramos do saber científico tanto no âmbito das disciplinas naturais e exatas, quanto no das disciplinas sociais e humanas. [...] Alguns [geógrafos] chegariam a afirmar – afirmação que ainda hoje é repetida – que a geografia devia ser tomada como a única disciplina capaz de realizar essa síntese [...]. Trata-se de fato, de uma mania de grandeza que não se justifica, uma pretensão insuportável. Primeiro, porque a geografia jamais desenvolveu o instrumental necessário para realizar a necessária síntese; segundo, porque é uma estultícia reservar esse papel de escola para uma só disciplina [...].

Nesse sentido, Santos (1996) afirma que permanecendo nesse âmbito de generalizações, típico de uma ciência de síntese, a Geografia teve dificuldades em desenvolver sua própria metodologia geográfica.

3 – A Geografia é o resultado e o prolongamento da História (GEORGE *et al.*, 1980 [1964], p. 17)

Pierre George afirma que estudando a evolução desigual do domínio das técnicas por diferentes sociedades pode-se compreender o desigual desenvolvimento econômico e até mesmo o das condições sociais entre elas.

Para a realização desses estudos, o geógrafo considera necessária a utilização de conhecimentos históricos.

4 – Historiador do atual, o geógrafo deve prosseguir os estudos do historiador, aplicando métodos que lhe são próprios (GEORGE *et al.*, 1980 [1964], p. 18)

Os estudos históricos constituem fontes importantes para os estudos da Geografia, ou seja, a partir das análises históricas, o geógrafo produz seus estudos regionais a respeito da atualidade. Para isso, utiliza os conhecimentos e, por vezes, os métodos das ciências naturais e humanas.

Tanto no tópico anterior quanto neste, Pierre George mostra a importância da História para a análise geográfica. De acordo com Milton Santos (1996), essa defesa da aproximação do conhecimento histórico com a Geografia é uma postura adotada por geógrafos que criticavam a Geografia Quantitativa.

Para Santos (1996), os geógrafos pertencentes à escola quantitativa estavam mais preocupados em demonstrar fenômenos por meio de cálculos do que em explicar efetivamente o processo histórico da formação do objeto estudado.

A intitulada geografia quantitativa marca o ponto máximo desta desespacialização do espaço reduzido a uma teia de coordenadas sem relação com o real [...] ao mesmo tempo que uma desistorialização: um conjunto de fórmulas matemáticas de onde a história – ou seja, o homem – era sistematicamente afastado [...] (SANTOS, 1996, p. 88).

Assim, concluímos que, ao apontar a importância da História para a análise geográfica, Pierre George mostra sua postura contra a Geografia Quantitativa.

5 – O objetivo da aplicação dos métodos geográficos é o conhecimento de situações (GEORGE *et al.*, 1980 [1964], p. 20)

Como sabemos, Pierre George afirma que, durante um estudo regional, o geógrafo precisa estabelecer relações entre diversos conhecimentos adquiridos das ciências auxiliares. Pois, como o próprio George afirma, “as coletividades humanas não vivem em contato com cada um dos elementos de seu quadro de existência, mas com todos ao mesmo tempo” (GEORGE *et al.*, 1980 [1978], p. 15).

No entanto, para atingir seu objetivo, que é o conhecimento de situações, o geógrafo necessita espacializar essas relações por ele produzidas.

Diante disso, a situação, nesse caso, seria a espacialização das relações estabelecidas pelos geógrafos entre os diversos conhecimentos utilizados das ciências auxiliares.

6 – O estudo de uma situação pode proceder de uma concepção contemplativa ou de uma concepção ativa (GEORGE *et al.*, 1980 [1964], p. 23)

O estudo de uma situação pode ter como objetivo apenas a produção de um inventário seguido por uma qualificação, ou seja, a explicação de um objeto de estudo ou então pode ter a finalidade de, além de explicar, guiar um plano de ação. Para Kayser, a Geografia Ativa segue esse segundo caminho. De acordo com o geógrafo:

[...] com a colaboração dos economistas, dos demógrafos, dos sociólogos e dos técnicos, [a geografia] oferece aos poderes de decisão uma visão prospectiva das situações regionais e a noção clara das alternativas de intervenção entre as quais será preciso optar (GEORGE *et al.*, 1980 [1978], p. 312).

Embora George apresente esses seis pontos de atenção ao tratar do objeto e do método da Geografia, o autor não deixa claro qual o método de estudo da Geografia. Conforme veremos no próximo capítulo, tanto em sua obra *A Geografia Ativa*, de 1964, como em *Os Métodos da Geografia*, de 1970, Pierre George afirma que, devido ao fato de a Geografia utilizar conhecimento tanto das ciências naturais quanto das ciências humanas, ela é uma ciência que não possui um método próprio de pesquisa.

A Geografia Ativa propõe então que o papel do geógrafo seja muito bem delimitado, ou seja, observar tudo o que for necessário na área de estudo,

[...] ele se interessará tanto pelo inventário das reservas mineiras quanto pela localização dos comércios de luxo, tanto pela repartição das culturas quanto pela distribuição do povoamento, tanto pela rede bancária quanto pela rede viária... Mas seu objetivo não é o de estabelecer catálogo; pelo contrário, todas essas análises de detalhe têm apenas por objetivo permitir comparações, superposições, examinar correlações, estudar estruturas diferenciais. Através delas ele procurará finalmente estabelecer o esquema concreto dos problemas da região. (GEORGE *et al.*, 1980 [1964], p. 310-311).

Pierre George esclarece que o geógrafo deveria, a partir do levantamento de informações realizado, identificar os problemas da região estudada, a fim de auxiliar futuros planejamentos.

Para alguns geógrafos,¹⁶ a proposta da Geografia Ativa foi entendida como uma primeira manifestação do que mais tarde viria a se tornar a Geografia Crítica. No entanto, adotando uma postura inversa, para outros geógrafos,¹⁷ a Geografia Ativa não passou de um modismo, ou seja, apenas uma mudança de linguagem, sem causar mudanças metodológicas ou teóricas na Geografia Lablachiana que se praticava anteriormente.

Embora conjugemos a ideia de que a Geografia Ativa não apresentou uma mudança nos métodos de estudos geográficos, não acreditamos que essa proposta possa ser compreendida apenas como um modismo na história do pensamento geográfico. A Geografia Ativa foi um grande passo rumo ao enfraquecimento da Geografia Tradicional e ao fortalecimento do que mais tarde seria a Geografia Crítica.

Reconhecemos que a postura de Pierre George em avaliar o esgotamento das análises regionais clássicas, que privilegiavam aspectos naturais da superfície terrestre como critério regionalizador e buscavam identificar e descrever diferentes gêneros de vida, foi um marco rumo à Geografia Crítica.

Acreditamos que, além da proposta da Geografia Ativa, a introdução de temas, como meio urbano, desigualdades sociais e diferentes desenvolvimentos econômicos, realizada por Pierre George, inovou o discurso geográfico,

¹⁶ Antonio Carlos Robert Moraes (1997) e Manuel Correia de Andrade (1987).

¹⁷ Sandra Lencioni (2003) e Horacio Capel (1990).

especialmente daqueles que apresentavam a interação entre a economia e a sociedade na organização do espaço geográfico. Sem dúvidas, estas novas discussões também foram muito importantes para o que se entende por primeiras manifestações de uma Geografia Crítica.

5 AS CONTRIBUIÇÕES DE PIERRE GEORGE PARA A GEOGRAFIA MODERNA

De modo geral, costumamos chamar o período do pensamento geográfico que se inicia em 1901 até a Segunda Guerra Mundial de Geografia Clássica. Já o período que se segue após a Segunda Guerra Mundial é conhecido como Geografia Moderna.

Andrade explica que utilizar uma periodização no pensamento geográfico não é uma tarefa fácil, pois os limites entre cada um dos períodos é muito tênue. Segundo o autor:

Para a Geografia admitimos, de forma esquemática, a existência de um primeiro período em que pontificaram os institucionalizadores desta ciência, ao qual se seguiu outro de consolidação e de difusão do conhecimento geográfico, a que chamamos período clássico, e em seguida, após a Segunda Guerra Mundial, teríamos o período moderno.

Torna-se difícil estabelecer os limites de cada período, uma vez que as transformações e as mudanças na orientação do estudo e do ensino da Geografia se processam lentamente e em uma mesma fase há autores que se encontram em um e em outro período, da mesma forma que um mesmo autor participa, através dos seus trabalhos, de dois períodos que se sucedem (ANDRADE, 1987, p. 63).

Andrade (1987) comenta ainda que uma importante diferença entre o período clássico e o período moderno da Geografia foi a decadência dos fundamentos positivistas nos estudos geográficos, ou seja, fortemente empirista e naturalista.

Pierre George foi um geógrafo que participou tanto do período clássico da Geografia quanto do período moderno dessa ciência. Suas primeiras obras, como nos afirma Michel Rochefort (2008), apresentavam fortes características da Geografia Clássica Francesa, isto é, com tendência a longas descrições das regiões estudadas e ao destaque para os seus aspectos naturais. Já as outras obras produzidas pelo geógrafo, a partir da segunda metade do século XX, mais precisamente após o término da Segunda Guerra Mundial, embora ainda continuassem a apresentar um caráter descritivo, buscavam explicar a relação existente entre sociedades, estruturas produtivas e sistemas políticos com a organização do espaço.

Para que se realizasse o estudo dessa relação, Pierre George, além de introduzir temas inovadores no temário de discussão geográfica, também aprofundou outros já existentes, como população, área urbana e espaços industriais. Isso certamente foi a maior contribuição de Pierre George à Geografia Moderna, ou seja, enriquecer a análise geográfica com a introdução de temas mais críticos e importantes para a realidade vivida na segunda metade do século XX.¹⁸

Muitas destas contribuições de Pierre George podem ser encontradas na obra *Geografia Ativa* (1980), que mesmo escrita em conjunto com mais três geógrafos, ao longo de seus capítulos é apresentada a essência das ideias de um movimento de renovação do pensamento geográfico que também ficou conhecido como Geografia Ativa.

Ao longo das leituras realizadas das obras de Pierre George, identificamos alguns temas que se destacaram. Assim, consideramos importante tecer alguns comentários a respeito deles, pois, em nosso ponto de vista, eles nos possibilitam entender com maiores detalhes algumas discussões trazidas por Pierre George à Geografia Moderna. Esses temas são: subdesenvolvimento, população, questões urbanas e técnica.

Também consideramos pertinente apresentar algumas considerações sobre outros dois temas que nos auxiliaram a analisar as obras de Pierre George diante da Geografia Moderna, são eles: o marxismo e a questão metodológica.

5.1 O SUBDESENVOLVIMENTO

A segunda metade do século XX foi caracterizada pelo jogo de influências de dois grandes sistemas econômicos mundiais, o capitalismo e o socialismo. Diante desse contexto, Pierre George acreditava que a Geografia Humana seria fundamental para explicar, com maior propriedade, de que maneira as estruturas produtivas e as relações sociais, engendradas por esses dois sistemas econômicos, influenciavam na organização do espaço mundial.

Michel Rochefort (2008) comenta que George foi quem, pela primeira vez, trouxe para o interior da Geografia uma análise comparativa entre o

¹⁸ Para Moreira (2008), o momento histórico vivido por Pierre George foi intensamente influenciado por transformações técnico-científicas, pela ação de monopólios e também por movimentos sociais.

sistema econômico capitalista e o sistema econômico socialista. Ao mesmo tempo, promoveu reflexões a respeito da diversidade existente em cada um desses sistemas econômicos, trazendo à tona, no temário geográfico, questões como nível de desenvolvimento econômico e o subdesenvolvimento.

Yves Lacoste, um dos alunos de maior destaque de Pierre George, prosseguiu com as análises geográficas sobre o subdesenvolvimento. Entre as décadas de 1960 e 1970, Lacoste se aprofundou no tema subdesenvolvimento e publicou, em 1965, *A Geografia do Subdesenvolvimento*.

Nesse grande clássico da ciência geográfica, Yves Lacoste explica como deve ser realizada uma análise para se classificar um país como subdesenvolvido. O geógrafo deixa claro que essa análise não deve se ater apenas a uma interpretação superficial de dados socioeconômicos.

Para Lacoste, uma série de condições históricas deve ser observada para que um país seja considerado subdesenvolvido. Entre elas:

- Insuficiências alimentares.
 - Sérias deficiências das populações, forte proporção de analfabetos, doenças das massas, grande mortalidade infantil.
 - Recursos negligenciados ou desperdiçados. [...]
 - Situação de subordinação econômica.
 - Desigualdades sociais violentas. [...]
- (LACOSTE, 1988, p. 13).

Ao relacionar os fatos sociais e os econômicos na organização do espaço, Pierre George promoveu uma aproximação entre a Geografia e a Sociologia. De acordo com o geógrafo Guy Di Méo (2008): “George defendeu ao longo de sua obra a relevância da análise da dimensão espacial dos fenômenos econômicos e sociais”. O geógrafo ainda complementa explicando que George, embora bastante descritivo, mostra em suas obras que as desigualdades econômicas e as divisões sociais encontram-se projetadas no uso do espaço.

5.2 A POPULAÇÃO

Na obra *Geografia Ativa* (1980, [1964]), Pierre George e os demais autores, apresentam a ideia de que toda análise regional deveria ter início a partir da

população que habita a região alvo de estudo.¹⁹ Contudo, esse estudo não deveria ser constituído apenas por descrições de diferentes grupos humanos acompanhados por dados demográficos. Nesta perspectiva, a Geografia deveria estudar questões como estrutura profissional, mercado de trabalho e classes sociais. Por isso, Pierre George defende a ideia de que a Geografia deveria fazer uso de informações obtidas de várias ciências humanas, como a Sociologia, a História e a Demografia.

Roland Pourtier (2008) confirma essa colocação explicando que, na obra *Geografia da População*, Pierre George (1969b [1965]) desvencilha-se do tradicional estudo da distribuição da população na superfície terrestre baseado em grupos étnicos para apresentar, por exemplo, estudos a respeito da população de países com economia desenvolvida e de países com economia subdesenvolvida. Além disso, explica que o estudo populacional deve se preocupar com o padrão de vida das populações em diferentes regiões do planeta. Na visão de George (1969b [1965], p. 41), “A diversidade das raças não é de subestimar, mesmo que nos recusemos a atribuir-lhe qualquer significação qualitativa. A diferenciação mais importante hoje é a dos padrões de vida e das formas de existência cotidiana”.

Outro aspecto que merece ser destacado nos estudos populacionais realizados por Pierre George é a discussão referentes às consequências do elevado crescimento populacional mundial, sobretudo nas áreas urbanas dos países subdesenvolvidos. No trecho a seguir, podemos verificar parte de uma das análises apresentadas na obra *Geografia Ativa* entre o movimento do êxodo rural em países subdesenvolvidos e o decorrente crescimento urbano.

As massas de camponeses desenraizados acumulam-se nas maiores cidades, nas capitais dos Estados, porque só esses centros urbanos lhe oferecem possibilidades de uma existência marginal. Nelas a população aumenta muito mais rapidamente do que nas cidades de importância secundária. Assim, em menos de vinte e cinco anos, constituíram-se aglomerações urbanas da mesma ordem de grandeza de Paris ou Londres, passando por cima da existência das infraestruturas econômicas financeiras e administrativas. Se cada uma dessas cidades apresenta os seus problemas econômicos específicos, todas elas sofrem de graves desequilíbrios que se exprimem na paisagem urbana por marcas de degradação através da presença de zonas de *habitat* espontâneo (bairros de lata, barracas, [...] favelas etc.) (GEORGE, 1969b [1965], p. 83).

¹⁹ De acordo com Kayser, um dos autores de *Geografia Ativa* (1980, p. 303), uma análise regional deveria seguir cinco itens principais: “a população, em seus aspectos demográficos e sociais; os recursos e sua utilização; o consumo; as relações exteriores e a estrutura geográfica.”

5.3 QUESTÕES URBANAS

Como vimos no item anterior, a Geografia Regional produzida por Pierre George, apresentou uma concepção de região diferente da Geografia Lablachiana, que relacionava a região aos aspectos naturais e humanos da área.

Para a George e os demais autores de *Geografia Ativa* (1980 [1964]), a concepção de região estava atrelada à ideia de polarização, ou seja, promovia a cidade como centro ou núcleo de ações da organização regional. Nesse sentido, uma cidade, ao criar progressivamente uma área de influência ao seu entorno, está definindo uma região.

Na obra *Geografia Ativa* (1980 [1964]), os autores explicam detalhadamente o que eles defendem por região.

Se a região vive por seu centro, o processo liberal de sua formação consiste na polarização progressiva de suas atividades em torno desse centro e nesse próprio centro. Logo, a região será tanto mais bem formada e mais madura quanto maior for a importância relativa do centro e sobretudo quanto maior for a influência que o centro exercer sobre todo o território considerado (GEORGE *et al.*, 1980 [1964], p. 285).

Seguindo essa perspectiva de tomar a cidade como núcleo regional, Pierre George considera que um conjunto de regiões constituem redes urbanas, e estas, por sua vez, são ferramentas que possibilitam estudar a organização do espaço regional. Diante disso, é possível perceber a importância que Pierre George atribuiu às áreas urbanas.

Andrade (1987) explica que essa importância atribuída por Pierre George a essas áreas foi muito enriquecedora para a Geografia, pois os estudos franceses, até então, davam muito mais destaque às questões agrárias.

Lencioni (2003, p. 141) confirma o ponto de vista de Andrade mencionando o contexto histórico em que Pierre George vivia. De acordo com a geógrafa:

Urbanização, industrialização e centralização tornaram-se, assim, as questões de relevo da Geografia na segunda metade do século XX. Impôs-se novas referências na análise regional: fluxos, rede urbana, área de influência de uma cidade e polarização. O desenvolvimento dessa perspectiva na Geografia significou o abandono da ideia de

região como síntese dos aspectos naturais e humanos para se vincular à de organização do espaço. A análise das funções urbanas e regionais, da hierarquia dos lugares, da concentração espacial das atividades e da divisão do trabalho, passaram a compor o estudo regional.

Para Lencioni, o período em que Pierre George publicou grande parte de suas obras, ou seja, a segunda metade do século XX, a sociedade passou a se tornar cada vez mais urbana e metropolitana, por isso a importância atribuída ao espaço urbano no temário geográfico apresentado por esse geógrafo.

5.4 TÉCNICAS

A técnica também foi um tema discutido por Pierre George. Milton Santos (2006), em *A Natureza do Espaço*, comenta que Pierre George foi um dos geógrafos de destaque que estudou a relação entre técnica e espaço.

Essa afirmação de Santos é confirmada quando compreendemos a colocação de George *et al.* (1980) de que a técnica é o meio pelo qual a ação humana interage no espaço, por isso o seu estudo ser muito importante. É por meio do estudo da evolução das técnicas e também do seu domínio que os geógrafos reconhecerão como as sociedades interagem com o espaço ao longo do tempo.

Para estudar a técnica, o geógrafo francês acredita ser necessário que a Geografia recorra à História, pois é esta ciência que poderá fornecer informações para que ele possa elaborar suas análises. É a partir desse ponto de vista que Pierre George afirma que

A história das técnicas fornece a chave das modificações das relações entre coletividades humanas e ambiente. A aquisição de instrumentos de libertação das servidões do meio natural efetua-se com tal rapidez e tal poder que não há mais nenhuma medida comum entre as relações homem-natureza, nos países tecnicamente mais avançados, e as mesmas relações homem-natureza nas regiões do globo onde o homem permaneceu nu e sem meios de defesa, dentro da floresta equatorial [...] (GEORGE *et al.*, 1980 [1964], p. 17).

Conforme pode-se perceber nessa citação, para Pierre George, ao longo do tempo, a técnica evoluiu em um ritmo muito veloz, no entanto, o domínio da técnica é desigual entre as sociedades humanas. Essa ideia será abordada pelo

geógrafo ao explicar, por exemplo, que o domínio das técnicas pelos países desenvolvidos é diferente do domínio das técnicas dos países subdesenvolvidos.

É com base nessa perspectiva que Pierre George acredita que o domínio desigual da técnica vai se refletir tanto no diferente desenvolvimento socioeconômico das sociedades quanto nas questões ambientais por elas vividas.

Felipe de Souza Ramão (2013), ao estudar a abordagem ambiental realizada por Pierre George no século XX, explica que George apresentou um discurso inovador na Geografia. Para Ramão, George envolve questões políticas, sobretudo de relações de poder, quando discute o meio ambiente.

[...] Pierre George traz novos elementos para discussão. No âmbito da Geografia, trata-se de discurso inovador nas décadas de sessenta e setenta e, decerto, surpreendente pela atualidade. [...] Sua postura crítica foi bastante relevante: tratando o meio ambiente a partir das relações de poder inspirado pelo marxismo, enfatizou a estrutura de desigualdade no uso dos recursos e nas políticas ambientais (RAMÃO, 2013, p. 47).

5.5 MARXISMO

De acordo com Andrade (1987), após a Segunda Guerra Mundial, muitos geógrafos voltaram seu interesse ao marxismo. Entre esses geógrafos, estão os franceses Pierre George, Jean Tricart, Michel Rochefort, Bernard Kayser e Yves Lacoste. Alguns deles, como Pierre George, até mesmo ingressaram no Partido Comunista francês.²⁰

Moreira (2008, p. 32) explica que esse interesse, por parte de geógrafos como Pierre George e Jean Tricart, deve-se ao fato de serem

[...] intelectuais de um mundo fortemente transformado pela cultura científico-técnica de alto nível de escala de concentração da Segunda Revolução Industrial e pelo monopolismo, seja nos processamentos produtivos, seja no capital que ela engendra, e um mundo de intensa mobilização política de parte de segmentos, povos e classes sociais que lutam para modificá-lo, refletindo em seu pensamento da época.

Embora tanto Moreira (2008) quanto Andrade (1987) conjuguem da mesma opinião, de acordo com as obras analisadas para este estudo, não se

²⁰ Pierre George participou do Partido Comunista francês no período de 1935 a 1956.

percebeu uma declaração de Pierre George como adepto ao marxismo. O que se verifica é a utilização de termos, como estruturas produtivas, e o uso das relações sociais na explicação da organização espacial, ou seja, do materialismo histórico.²¹

Por isso, concordamos com Gui Di Méo (2008) quando explica que o enquadramento de Pierre George como um geógrafo marxista é perceptível no uso que o geógrafo faz de termos como sociedades de classes, proletariado, modo de produção capitalista, ou seja, termos muito comuns no discurso marxista.

Na obra *Sociedades em Mudança* (1982 [1980]), Pierre George demonstra sua tendência ao marxismo quando defende a ideia do enfraquecimento político e econômico dos trabalhadores rurais, denominado por George como camponeses, em face da massa de operários que crescia nas áreas urbanas.

Nas palavras de Pierre George (1982 [1978], p. 13):

As terras rurais, minadas pela guerra, pelo êxodo dos jovens, superadas pela transferência dos “valores econômicos e sociais” para as áreas de grande concentração de riquezas e de homens, vão perdendo, progressivamente, sua importância numérica e sua significação. Dissociou-se o poder de decisão da potência ou, mesmo, das raízes agrárias. O debate social situa-se, doravante, em outro lugar, mesmo se o campo não consegue dele se desinteressar.

A ideia do enfraquecimento do campesinato e de seu futuro desaparecimento foi defendida por Karl Marx, no século XIX. Para Marx, a única classe com força política era o proletariado.

5.6 QUESTÃO METODOLÓGICA

Em nenhuma das obras utilizadas para a produção deste estudo, encontramos uma definição de Pierre George quanto ao método de estudo da Geografia.

Tanto em sua obra *A Geografia Ativa* como em *Os Métodos da Geografia*, obras que mais se aproximam de questões epistemológicas, Pierre George afirma que, devido ao fato de a Geografia utilizar conhecimento tanto das

²¹ De acordo com o Dicionário do Pensamento Marxista (BOTTOMORE, 1988), nos estudos marxistas, o materialismo histórico afirma que as sociedades podem ser analisadas ao longo do tempo por meio de aspectos essencialmente econômicos, sobretudo, dos meios de produção. Até mesmo as questões sociais estão relacionadas às forças produtivas.

ciências naturais quanto das ciências humanas, ela é uma ciência que não possui um método próprio de pesquisa.

Para o geógrafo, definir um método geográfico de pesquisa é uma atitude equivocada. De acordo com o tema pesquisado, a Geografia faz uso dos métodos utilizados pelas ciências que lhe fornecem informações, sejam essas ciências humanas, sejam naturais.

[...] por natureza, a geografia tem de ser metodologicamente heterogênea. Alinha-se, por um lado, entre as ciências da terra ou da natureza, da mineralogia e da petrografia, da geologia até a biologia; por outro lado, situa-se entre as ciências do homem, desde a história até a sociologia, a economia, a psicologia social... É esta a razão pela qual ela se encontra continuamente empenhada na busca de sua unidade.

Esta unidade não pode ser metodológica: a pesquisa geográfica recorre sucessiva ou simultaneamente aos métodos de cada uma das ciências de que se vale para chegar ao conhecimento analítico dos dados incluídos nas combinações que constituem o objeto de seus estudos fragmentários ou globais (GEORGE, 1986 [1970], p. 8-9).

Mais adiante, nessa mesma obra, Pierre George apresenta a seguinte afirmação:

Não existe nenhum método geográfico para a abordagem dos dados sociais, econômicos, demográficos ou culturais. Pode-se quando muito afirmar que existe uma maneira geográfica de confrontar os resultados das pesquisas exteriores e de fazer com que apareçam os sistemas de inter-relações entre esses dados, num meio definido no espaço e por seus próprios caracteres (GEORGE, 1986 [1970], p. 35).

O próprio Pierre George aponta, como uma questão polêmica, a ausência de uma unidade metodológica da ciência geográfica. Para ele, constantemente as ciências associadas questionam o *status* de ciência da Geografia.

Esse posicionamento metodológico de Pierre George se deve ao fato de o geógrafo ter vivido no período de decadência da Geografia clássica e, assim, ter produzido grande parte de suas obras em um momento histórico no qual se presenciava a crise dos postulados positivistas. Como sabemos, uma das características do positivismo era a aceitação de um único método de pesquisa para

todas as ciências, ou seja, tanto para as ciências humanas quanto para as ciências naturais. Sendo um grande defensor de estudos regionais, que envolvessem tanto elementos naturais como elementos sociais, Pierre George passou a criticar a existência de um único método de pesquisa geográfica e, então, a justificar a necessidade do uso de métodos das ciências auxiliares.

Essa postura pode parecer uma crítica de Pierre George ao positivismo, porém, analisando o conjunto das obras selecionadas para este estudo, observamos que não há um desvencilhamento de George com os postulados positivistas. Isso é comprovado, por exemplo, se observarmos sua prática descritiva e, principalmente, sua defesa da concepção da Geografia como uma ciência de síntese, concepção essa própria da Geografia Tradicional.

Moraes explica que a concepção da Geografia como uma ciência de síntese, adotada por muitos geógrafos clássicos, corresponde à necessidade do positivismo em classificar as ciências. Além disso,

[...] a ideia de “ciência de síntese” serviu para encobrir a vaguidade e a indefinição do objeto. Tal ideia, que postulava um conhecimento excepcional, desvinculava tal ciência de uma exigência do próprio positivismo – a definição precisa do objeto de estudo (MORAES, 1997, p. 25).

Diante disso, é possível reconhecer que, no campo metodológico, Pierre George não apresentou contribuições tão profundas quanto no temário de discussão da Geografia.

5.7 A GEOGRAFIA DE PIERRE GEORGE ANALISADA NA PERSPECTIVA DE LARRY LAUDAN

Conforme expusemos anteriormente, a maior contribuição de Pierre George para o desenvolvimento do pensamento geográfico moderno foi a introdução e o aprofundamento de novos temas no temário de discussão geográfica.

Dessa forma, percebe-se que, embora o geógrafo tenha abordado a questão metodológica em várias de suas obras, ele efetivamente não conseguiu mudar o método clássico tradicional positivista herdado da Geografia Francesa.

Poderíamos dizer que a Geografia Ativa não causou uma mudança epistemológica na estrutura da ciência geográfica. Essa proposta consistiu

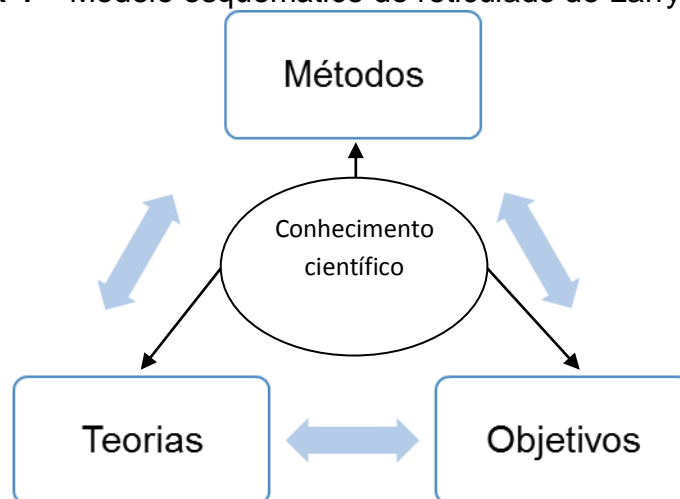
basicamente em uma chamada de atenção à comunidade científica geográfica sobre a necessidade de uma mudança.

Buscando compreender melhor a contribuição de Pierre George dentro da evolução do pensamento geográfico moderno, analisaremos os estudos do geógrafo na perspectiva da teoria da ciência de Larry Laudan.

De acordo com Salvi (2011), Larry Laudan é um filósofo contemporâneo que estuda, entre outros temas, a filosofia das ciências, a racionalidade e o progresso científico. Para o filósofo, um estudo científico está atrelado aos seguintes três elementos: teorias, método e objetivos da ciência.

Laudan defende que esses elementos são interdependentes, ou seja, um influencia o outro. Para demonstrar sua ideia, Laudan propõe um modelo reticulado de racionalidade. Veja o modelo a seguir:

Figura 4 – Modelo esquemático do reticulado de Larry Laudan



Fonte: elaborada pela autora.

[...] na produção do conhecimento os objetivos justificariam a metodologia devendo se harmonizar com as teorias; os métodos estariam de acordo com as teorias e mostrariam sua factibilidade nos objetivos da pesquisa; as teorias restringiriam as metodologias e se harmonizariam com os objetivos. Portanto, por meio desse modelo, é possível a uma dada comunidade científica ou a um dado domínio do conhecimento alterar seus compromissos com a teoria, mesmo mantendo seus compromissos com os métodos, fins e objetivos da pesquisa. Tal dinâmica se reproduziria nos três níveis de compromissos inadvertidamente (SALVI, 2011, p. 88).

Na visão do filósofo, para que ocorra uma mudança na estrutura epistemológica da ciência, resultando no progresso da ciência, devem-se alterar os três elementos representados no modelo reticulado. No entanto, essa alteração não

precisa ocorrer necessariamente ao mesmo tempo nos três elementos que formam o reticulado. Em razão dos elementos científicos encontrarem-se interligados, quando um deles é alterado, os demais, ao longo do tempo, vão gradativamente sendo também modificados. Desta forma, um desses três elementos, ou seja, a teoria, o método ou os objetivos da ciência, funciona como um pivô provisoriamente fixo que desencadeia uma mudança.

Analisando a proposta de Pierre George sob a perspectiva de Laudan podemos perceber que George contribuiu para causar alterações em apenas um elemento presente do reticulado proposto pelo filósofo, qual seja, os conteúdos.

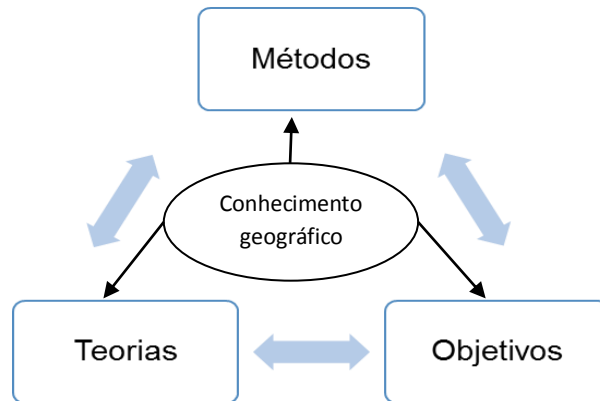
Para apresentar nossa observação, vamos inserir a proposta de Pierre George no modelo reticulado de Larry Laudan, utilizando como exemplo, fragmentos a obra *Geografia da População* (1969b [1965]).

Figura 5 – A Geografia de Pierre George no modelo esquemático do reticulado de Larry Laudan

Pierre George preservou o método indutivo-empírico utilizado pela Geografia Lablachiana que buscava, sobretudo, a descrição e a produção de uma Geografia de síntese.

Abordagem descritiva

Os rigores climáticos da zona ártica eliminam de maneira global de toda a zona fria um povoamento permanente ou contínuo. O homem acha-se aí presente apenas como “passageiro de um microclima” [...] Esta, a taiga de coníferas e de bétulas da Sibéria, da Rússia do Norte e do Canadá setentrional, é, do ponto de vista do povoamento, um deserto arborizado. [...] GEORGE (1969b [1965], p. 41)



Pierre George realizou mudanças nos estudos geográficos ao ampliar ou aprofundar os temas abordados dentro das teorias geográficas.

Ampliação de temas abordados

O importante neste estudo é pôr em evidência a repartição dos efetivos humanos entre os grupos desenvolvidos e os grupos subdesenvolvidos e sublinhar aos padrões de vida, aos modos de existência e a difusão da instrução, o que é, em ambos os casos, a condição humana. O importante, a bem dizer, hoje, não é tanto ser branco, amarelo ou negro, cristão ou muçulmano [...], mas ser um subalimentado crônico ou um superalimentado ameaçado pelas doenças da opulência [...] GEORGE (1969b [1965], p. 43, 44)

George perpetuou o objetivo da Geografia ao defender a busca por uma ciência de síntese.

Síntese geográfica

No final de um estudo descritivo da repartição e da dinâmica da população do mundo, impõem-se algumas observações e algumas perguntas. Uma comparação do mapa de repartição das rendas [...] e do mapa da repartição bruta da população revela-nos uma distorção considerável. Essa distorção provém de um lado do aumento incessante das rendas nacionais dos países industriais em oposição à fraca mobilidade das rendas dos países subdesenvolvidos [...] GEORGE (1969b [1965], p. 122)

Conforme podemos verificar, a contribuição de Pierre George é acentuada na indicação de mudança a respeito dos conteúdos do estudo geográfico. Ele introduz novos temas para a Geografia, com base nas mudanças de ordem global do período após a 2ª Guerra Mundial. O método, embora muito discutido pelo geógrafo, não sofreu alterações perante a estrutura da ciência tradicional clássica, e o objetivo da ciência ainda continuou sendo o de uma ciência de síntese.

Nessa perspectiva, verificamos que a proposta de estudos geográficos apresentada por George não chegou a transformar a estrutura epistemológica da Geografia Clássica Francesa. Ao modificar um dos elementos que formam o racionalismo da ciência geográfica, a proposta do geógrafo francês deu início à um movimento de profundas alterações na estrutura epistemológica dessa ciência. Essas alterações podem ser entendidas como origem do que mais tarde se tornaria a Geografia Crítica.

Esse fato explica porque geógrafos como Andrade (1987) e Moraes (1997) concluem que a proposta da Geografia Ativa capitaneada por Pierre George consistiu nos primeiros passos de uma Geografia que mais tarde, após a contribuição de outros estudos, como, por exemplo, os de Yves Lacoste, tornar-se-ia a Geografia Crítica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A busca em conhecer a história de uma ciência é uma tarefa interminável e desafiadora. Além de existirem diversas versões ou pontos de vista a respeito de um fato ocorrido ao longo da história de uma ciência, o conhecimento científico se encontra em contínua transformação, por isso compreender sua história nunca terá um fim.

O principal objetivo desta pesquisa, o de conhecer a contribuição de Pierre George no período denominado Geografia Moderna, faz parte de um interesse pessoal que nos acompanha desde a graduação em Geografia, isto é, o desejo de compreender melhor a história da ciência geográfica.

Durante as leituras realizadas ao longo desta pesquisa, constatamos que as sociedades humanas, desde nossos mais antigos ancestrais, aprimoram seus conhecimentos geográficos a respeito do mundo em que vivem. Esse aprimoramento foi sendo gradativamente materializado na natureza em um processo de constante construção do espaço geográfico.

Acreditamos que a Geografia, em seu período clássico, conhecida como Geografia Tradicional, preocupou-se em descrever tanto as características naturais de determinada área quanto o resultado da materialização da ação humana na natureza, ou seja, a configuração das áreas urbanas e rurais e a distribuição de grupos humanos e de atividades econômicas (agrícola, industrial, comércio e serviços), entre outros. Essas descrições ocorreram, sobretudo, na forma de estudos regionais.

No entanto, a partir de meados do século XX, o que se percebe é que essas descrições regionais passaram a ser criticadas por alguns geógrafos, entre eles, Pierre George.

Procurando estudar o trabalho de Pierre George na história da Geografia, não nos deixamos abater pelo desafio que tínhamos pela frente. A escassez das fontes secundárias a respeito do geógrafo, embora tenha se tornado um obstáculo, não nos impediu de buscar atingir nosso objetivo.

A leitura das fontes primárias e, sobretudo, os diálogos travados com a orientadora da pesquisa tornaram-se instrumentos imprescindíveis para a realização de nossa pesquisa.

Ao longo da execução desta investigação, percebemos que a História da Ciência se tornou uma ferramenta muito importante para aqueles que se sentem desafiados a conhecer a história de uma ciência.

Nesta pesquisa, a História da Ciência nos ofereceu um aporte fundamental, pois, além de nos orientar na delimitação do tema a ser pesquisado, conduziu-nos na busca por fontes primárias e secundárias referentes ao objeto de estudo e, depois, levou-nos a realizar análises contextualizadas referentes ao assunto investigado, evitando, assim, abordagens anacrônicas.

Diante da reduzida quantidade de fontes secundárias durante a fase de levantamento bibliográfico relacionada a Pierre George, voltamos nossas forças à interpretação das fontes primárias, extraindo o máximo possível de informações, as quais se tornariam matéria-prima para esta pesquisa.

Na visão de Ferreira e Martins (2009), uma pesquisa em História da Ciência deve unir tanto a abordagem externalista quanto a internalista. Seguindo essa perspectiva, procuramos analisar o trabalho de Pierre George envolvendo tanto o contexto histórico em que o geógrafo vivia quanto as questões teóricas que estruturaram sua proposta de Geografia.

Quanto ao contexto histórico, percebemos que Pierre George publicou a maior parte de suas obras na segunda metade do século XX, período marcado pela divisão do mundo em sistemas econômicos antagônicos (Capitalismo e Socialismo) e, sobretudo, pela ampliação das desigualdades socioeconômicas entre os países capitalistas.

Esse contexto é visivelmente percebido nas obras de George quando o geógrafo apresenta suas análises referentes a variadas questões, como o meio urbano, a atividade industrial e a população, por meio da divisão entre países desenvolvidos, países subdesenvolvidos e países socialistas.

Pierre George evidenciou as contradições do modo de produção capitalista nos diferentes quadros regionais que estudou. De acordo com Moraes (1997), George estudou as regiões abordando aspectos como a miséria, as favelas, a subnutrição, ou seja, discussões que não apareciam em análises tradicionais.

Quanto à análise internalista da geografia de Pierre George, observamos que a sua influência na evolução do pensamento geográfico deu-se, principalmente, no campo das discussões temáticas, e não em suas bases

metodológicas ou no próprio objetivo da ciência da geográfica. No quadro a seguir, procuramos apresentar uma síntese das principais propostas realizadas por Pierre George citadas neste estudo e também as efetivas realizações desse geógrafo ao longo de sua produção geográfica. No quadro, também indicamos qual elemento do modelo reticulado de Larry Laudan a proposta de Pierre George se enquadra.

Quadro 3 – Propostas e realizações de Pierre George

| Propostas | Realizações |
|---|---|
| <p>Na obra <i>Geografia Ativa</i> (1980), Pierre George <i>et al.</i> apontaram que o estudo regional deveria ter como principal objetivo a produção de sínteses regionais para fins de planejamento. A partir desse planejamento, haveria a ação, realizada por órgãos e instituições competentes.</p> <p>Elemento: método / objetivo</p> | <p>Pierre George desenvolveu em suas obras a apresentação descritiva de sínteses regionais, utilizando, para isso, temas inovadores nos estudos geográficos, sobretudo naqueles voltados a aspectos econômicos, como as características da atividade industrial e agrícola em determinadas regiões.</p> |
| <p>Pierre George criticou os estudos regionais que se baseavam apenas na descrição de aspectos naturais e humanos. Propôs estudos regionais voltados, principalmente, à descrição de aspectos socioeconômicos.</p> <p>Elemento: teorias</p> | <p>George promoveu estudos regionais que envolviam, acima de tudo, questões urbanas, distribuição desigual de atividades e do trabalho, ou seja, aproximou o estudo regional de uma perspectiva social e econômica.</p> |
| <p>George apresentou a ideia de que existiam no mundo regiões com desenvolvimento econômico desiguais. O geógrafo afirmou ainda que por meio do estudo regional poder-se-ia alcançar um planejamento que, mais tarde, quando executado, haveria um “crescimento harmonioso” do espaço.</p> <p>Elemento: objetivo</p> | <p>O geógrafo caracterizou o desenvolvimento desigual das regiões em face das características dos sistemas capitalista e socialista. No entanto, não apresentou propostas efetivas de planejamento para se atingir o que denominou “crescimento harmonioso” do espaço.</p> |

Fonte: elaborado pela autora.

Conforme constatamos nas obras de Pierre George analisadas, ele utilizou o método adotado pela geografia francesa, sua escola de formação, ao preservar a tendência das longas descrições regionais, buscando contemplar a Geografia de síntese. E, ao inserirmos as ideias de Pierre George à luz do modelo

de racionalidade de Larry Laudan, ficou mais evidente as respostas de nossas indagações.

Pierre George influenciou a Geografia Moderna, e essa influência se deu no nível das questões abordadas pela ciência geográfica. George trouxe para o temário geográfico questões como o subdesenvolvimento, o meio urbano e as atividades industriais e a sua relação com a organização espacial, ou seja, realizou uma abordagem que até então não era praticada pela Geografia Tradicional.

Essas questões trazidas à tona por Pierre George ampliaram, ao longo do tempo, os horizontes de futuros geógrafos, entre eles, Yves Lacoste, um de seus mais importantes alunos.

Mas por que as ideias de George foram ampliadas?

Porque o trabalho desse geógrafo francês acabou por propor denúncias, por aflorar problemas. Porém, não executou análises que desvendavam as causas dessas denúncias. Suas obras se limitavam a descrever regionalmente questões emergentes do momento histórico no qual foram produzidas.

As análises a respeito da essência dos problemas evidenciados por Pierre George foram realizadas mais tarde pela Geografia Crítica.

Um questionamento que passou a nos acompanhar ao longo deste estudo foi referente a participação de Élisée Reclus na história do pensamento geográfico. Se a obra de Reclus, anterior a Pierre George, já apresentava questões sociais relevantes, por que não foi reconhecida na história do pensamento geográfico como a primeira manifestação de uma geografia mais crítica? Por que geógrafos como Manuel Correia de Andrade (1987) e Antonio Carlos Robert Moraes (1997) consideram as propostas apresentadas pela Geografia Ativa como uma geografia da denúncia e não o fazem com as obras de Élisée Reclus? Será que as questões políticas e ideológicas do momento histórico em que vivia Élisée Reclus foram capazes de escamotear a sua proposta, que, mais tarde, passou a ser chamada de libertária? Se atualmente, por meio da História e da Filosofia da Ciência, podemos realizar um estudo mais aprofundado a respeito da obra desses dois geógrafos, não seria o caso de fazê-lo e talvez rever o verdadeiro momento em que surgiram os primeiros passos da Geografia Crítica?

Essas questões ficam apresentadas para, quem sabe, no futuro possam ser alvo de novas pesquisas.

Após as considerações apresentadas, é importante destacarmos que esta pesquisa não tem a pretensão de esgotar as questões levantadas. Acreditamos que ela deve iniciar um debate que futuramente pode gerar intensas discussões a respeito da evolução do pensamento geográfico.

Esperamos que esta pesquisa desperte o espírito investigativo de outros estudantes, que, assim como nós, procuram conhecer sempre um pouco mais sobre a ciência geográfica. Temos a esperança de que ela seja o ponto de partida de muitos outros estudos que futuramente possam ser realizados.

REFERÊNCIAS

ALFONSO-GOLDFARB, Ana Maria. **O que é história da ciência**. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Coleção Primeiros Passos)

ANDRADE, Manuel Correia de. **Geografia, ciência da sociedade**: uma introdução à análise do pensamento geográfico. São Paulo: Atlas, 1987.

BATISTA, Irinéa; LUCAS, Lucken Bueno. Contribuições axiológicas e epistemológicas ao ensino da teoria da evolução de Darwin. **Investigações em Ensino de Ciências**, Porto Alegre, v. 16, p. 245-273, 2011.

BLACHE, Vidal de La. **Princípios de Geografia Humana**. Lisboa: Edições Cosmos, 1921.

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari K. **Investigação qualitativa em educação**. Portugal: Porto Editora, 1994.

BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do Pensamento Marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

CAPEL, Horacio. La continuité et le changement. *In*: CAPEL, Horacio. **Géographie**: entre espace et développement. Toulouse: Presses Universitaires du Mirail, 1990. p. 17-36.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. Para entender a necessidade de práticas prazerosas no ensino de geografia na pós-modernidade. *In*: REGO, Nelson; CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; KAERCHER, Nestor André. **Geografia**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CLAVAL, Paul. A revolução pós-funcionalista e as concepções atuais da Geografia. *In*: MENDONÇA, Francisco; KOZEL, Salette. **Elementos de epistemologia da geografia contemporânea**. Curitiba: Editora da UFPR, 2009. p.11-43.

FERREIRA, Juliana Mesquita Hidalgo; MARTINS, André Ferrer Pinto. **História da Ciência**: o que é? Natal: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2009.

GEORGE, Pierre. **Geografia industrial do mundo**. São Paulo: Difel, 1969a.

_____. **Geografia da população**. São Paulo: Difel, 1969b.

_____. **A ação do homem**. São Paulo: Difel, 1970.

_____. **Geografia econômica**. 6. ed. São Paulo: Editora Fundo de Cultura, 1973.

_____. **Populações ativas**. São Paulo/Rio de Janeiro: Difel, 1979.

_____. **Sociedades em mudanças**: introdução a uma Geografia social do mundo moderno. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

_____. **Geografia urbana**. São Paulo: Difel, 1983.

_____. **Métodos da Geografia**. 2. ed. São Paulo: Difel, 1986.

_____. **Geografia agrícola do mundo**. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

_____ *et al.* **Geografia ativa**. 5. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Difel, 1980.

GOMES, Paulo César da Costa. **Geografia e modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos**. O breve século XX: 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA. **Pierre George**: conferências no Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, 1970.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Atlas geográfico escolar**. 4. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2007.

KAERCHER, Nestor André. **Desafios e utopias no ensino de geografia**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2001.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998.

LACOSTE, Yves. **Os países subdesenvolvidos**. 19. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

LENCIONI, Sandra. **Região e geografia**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

MAGNOLI, Demétrio. **O novo mapa do mundo**. São Paulo: Moderna, 1998.

MARTINS, Lilian Al-Chueyr Pereira. História da Ciência: objetos, métodos e problemas. **Revista Ciência e Educação**, Presidente Prudente, v. 11, n. 2, p. 305-307, jan./abr. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ciedu/v11n2/10.pdf>>. Acesso em: 16 nov. 2013.

MARTINS, Roberto de Andrade. História e história da ciência: encontros e desencontros. *In*: CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA CIÊNCIA E DA TÉCNICA, 1., 2001, Évora. **Anais...** Évora: Centro de Estudos de História e Filosofia da Ciência da Universidade de Évora e da Universidade de Aveiro, 2001. p. 11-46

MATTHEWS, Michael R. História, filosofia e ensino de ciências: a tendência atual de reaproximação. **Caderno Catarinense de Ensino de Física**, Florianópolis, v. 12, n. 3, p. 164-214, 1995.

MÉO, Guy Di. Pierre George, géographe des sociétés humaines. **Annales de géographie** – Pierre George (1909-2006): un géographe témoin de son temps. *Hommage des Annales de Géographie*, n. 659, p. 4-16, 2008.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Geografia**: pequena história crítica. 15. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

MOREIRA, Ruy. **O pensamento geográfico brasileiro**: as matrizes clássicas originárias. São Paulo: Contexto, 2008. v. 1.

_____. Velhos temas, novas formas. *In*: MENDONÇA, Francisco; KOZEL, Salete. **Elementos de epistemologia da geografia contemporânea**. Curitiba: Editora da UFPR, 2009. p. 11-43.

PEREIRA, Raquel Maria Fontes do Amaral. **Da geografia que se ensina à gênese da geografia moderna**. 3. ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1999.

POURTIER, Roland. Pierre George et les questions de population. *Annales de géographie – Pierre George (1909-2006): un géographe témoin de son temps*. **Hommage des Annales de Géographie**, n. 659, p. 29-34, 2008.

RAMÃO, Felipe de Souza. A Geografia de Pierre George e a questão Ambiental. **Revista Continentes**, Rio de Janeiro: UFRRJ, Ano 2, n. 3, 2013.

RECLUS, Élisée. A propriedade e a exploração da Terra. *In*: ANDRADE, Manuel Correia de. **Élisée Reclus**. São Paulo: Ática, 1985.

ROCHFORT, Michel. Les structures sociales dans la pensée géographique de Pierre George. **Cahiers de géographie du Québec**, v. 52, n. 146, p. 247-254, Sep. 2008.

SALVI, Rosana Figueiredo. A rede triádica dos compromissos científicos da Geografia Regional: um olhar sob a perspectiva da Teoria da Ciência de Larry Laudan. **Brazilian Geographical Journal: Geosciences and Humanities research medium**, Uberlândia, v. 2, n. 1, p. 86-98, jan./jun. 2011.

SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica**. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2006.

SODRÉ, Nelson Werneck. **Introdução à Geografia: geografia e ideologia**. Petrópolis: Vozes, 1989.